

O MOMENTO feminino

SEXTA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1947

Cr\$ 1,00

★

ANO I

★

N.º 10

UM JORNAL PARA O SEU LAR



AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS NO SEU TRABALHO EXAUSTIVO

Descascando batatas, lavando panelas, limpando móveis, arrumando, cosinhando, as empregadas domésticas alugam o seu trabalho sem ter, na legislação trabalhista, nenhuma garantia. Sua carteira profissional é apenas um registro policial. O Ministério do Trabalho não as registra, nem lhes dá o direito à sindicalização. Faltam creches e jardins de infância para seus filhos pequenos. Faltam escolas, maternidades, hospitais, tudo que ela necessita para viver e trabalhar melhor. O direito à maternidade lhe é negado porque não pode levar consigo o filho, que não tem onde deixar. Os "aluga-se" dos jornais estão sempre cheios de mulheres cosineiras e arrumadeiras pedindo aos patrões futuros licença para levar crianças. Começam as domésticas a sentir a necessidade de organizar-se; em vários bairros suas associações começam a surgir e a desenvolver-se, tendo como objetivo principal o direito à sindicalização. O problema da empregada doméstica, em seu

trabalham no Brasil. Faltam-lhe os meios necessários para viver com dignidade. Seus filhos crescem ao abandono, sem carinho, sem alimentação e sem roupa. Mulheres sem direitos e sobrecarregadas de deveres. Mulheres que precisam da colaboração de outras mulheres — as patroas — para ter direito à sindicalização, direito a possuir carteira do Ministério do Trabalho, direito a ter filhos e criá-los. Direito a viver.

Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

Crescem as nossas possibilidades para maiores conquistas femininas. O que antes nos parecia apenas ideal, hoje é realidade cotidiana. Nenhum problema, por mais complicado que se nos afigure pôde constituir motivo de nosso indiferentismo, por qualquer dificuldade aparente. Passamos a ter iniciativas, a ter decisão ante tudo o que interessa à população carioca.

Aí estão os casos concretos, os resultados positivos das organizações femininas, que já constituem uma força nova de cooperação na vida administrativa, social e econômica do país.

As mulheres estão se caracterizando, dentro de seus trabalhos, pela objetividade. Por isso mesmo, têm conseguido solução para vários problemas fundamentais.

Entretanto, não é possível ficar satisfeitas e parar. Sempre que um objetivo é alcançado, outro se nos surge para novas lutas e novas conquistas, cumprindo-nos o dever de colocar-nos na vanguarda de novas campanhas.

A grande luta contra a carestia de vida, que tomou impulso gigantesco no período de 12 meses, está a reclamar maior energia e redobrados esforços para melhores soluções.

A verdade é que dia a dia os casos de abastecimento, transporte, habitação, etc., se tornam mais escandalosos e aquilo que mais possa interessar às mulheres vai para segundo plano no procedimento das autoridades.

As mulheres sentem que a má administração lhes atinge consideravelmente, e se não houver uma decisão unânime nas organizações femininas, marcando o real trabalho de colaboração junto aos problemas populares, tudo o que há de construído poderá ruir, com grande prejuízo para toda a população.

Assim, as organizações femininas devem intensificar suas realizações, objetivar melhor seus trabalhos, ter visões e procurar ininterruptamente lutar para alcançar o previsto.

A falta de tradição de trabalho organizado entre as mulheres, não é motivo para grandes perturbações. A necessidade tem nos ensinado a trabalhar organizadamente e a experiência adquirida nos dá estímulo.

Ora, se olharmos sem vaidade para o muito que temos feito e o pouco conseguido das autoridades, evidenciaremos o quanto há a vencer.

Na verdade, não se sente a ação administrativa sobre a vida do povo. A agudeza dos problemas sem solução é de espantar. O Governo fica impassível. Parece que vivemos sob mil maravilhas. Maravilha "sui generis", em que dois terços da população carioca da zona Norte não tem transporte suficiente nem recursos para descongestionar o tráfego, em que prédios escolares desabam e novos não se constroem, em que a infância continua desamparada, os desalojamentos assumem cifras catástroficas, os gêneros sobem de preços ou desaparecem do mercado e tudo vai por água abaixo.

Mas não é cruzando os braços, queridas amigas, que as coisas melhorarão. É lutando com energia e bom senso.

Estamos sentindo que um trabalho mais conjunto das mulheres se impõe. As Uniões Femininas precisam estabelecer entre si maior contacto, maior estreitamento, para que os interesses femininos sejam mais rapidamente solucionados.

As mulheres poderão ser um esteio na vida do país. O necessário é saber utilizar sua força, sua capacidade e sua vontade.

Convençamo-nos que o feito até agora é apenas o início de uma grande jornada em favor do progresso brasileiro, e reforçemos nossas atividades nos bairros, procurando interessar todas as mulheres para a luta organizada, ordeira e consciente, afim de conseguirmos a vida que merecemos.

CURIOSIDADES DE NOSSO IDIOMA

Continuando a série de pequenos artigos sobre as curiosidades de nosso idioma, vamos, hoje, dar a explicação de três expressões habitualmente empregadas em nosso falar figurado, sem que desconfiemos, sequer, de suas origens.

Quem, ao ter de dar a alguém uma notícia má, não procura, jeitosamente, apresentá-la pelos seus aspectos mais suportáveis; quem, ao ter de confessar um erro que cometeu, não tenta, ao mesmo tempo, mostrar-lhe as atenuantes, envolvê-lo em explicações e desculpas, "dourar a pilula", em suma? No entanto, de onde vem essa expressão? Quem já viu pilulas douradas? Sim, atualmente não se douram as pilulas que serão engulidas, mas, nos séculos XV e XVI, quando a medicina tinha ainda vários pontos de contacto com a astrologia e a feitiçaria, era costume dourar-se a pilula, por fora, para que o doente, tentado pelo seu aspecto, acesse em tomá-la. E a prova disso é este velho adágio português, daquela época, que diz:

"Se a pilula bem soubera, não se dourara por fora".

E assim é que o dito ficou, muito e muito tempo depois do fato ter desaparecido.

Do mesmo modo, quando se quer exprimir que alguém tocou muito de leve em qualquer assunto, sem se deter no seu exame, sem aprofundá-lo, procurando, mesmo, evitar-lhe a análise; costuma-se dizer que "passou como gato por brasa".

Que vêm fazer, no caso, o gato e as brasas? Temos de remontar a muito longe, no passado, até à velha Gália. Os camponeses celtas, na noite de S. João, tinham o costume de lançar gatos às fogueiras ateadas em louvor do santo. E' natural que os pobres bichanos, mal caíssem sobre as quatro patas em cima do braseiro, tratassem de se safar o mais depressa possível...

E é em consequência dessa bárbara tradição, dessa maneira selvagem de festejar S. João, felizmente desaparecida, que, ainda hoje, tantos séculos depois, usamos a expressão "como gato por brasa".

E, ao dizer que determinado objeto lhe custou "couro e cabelo", quem se lembra de ligar essa expressão ao tormento inquisitorial que lhe deu origem? No entanto, a frase vem dos tempos do Santo Ofício, quando se aplicava o suplicio do escalpelo aos infiéis...



...Alfabetisar é um dever de todo brasileiro que sabe ler. Alfabetisar adultos é olhar para o povo e prepará-lo para um futuro melhor.

FESTA DE SEPETIBA



5 DE OUTUBRO M.A.I.P.

INFORMAÇÕES:

Portaria da TRIBUNA POPULAR
Av. Presidente Antônio Carlos, 207 - 13

Oficinas da TRIBUNA POPULAR
Rua do Lavradio, 87
Redação d'A CLASSE OPERARIA
Av. Rio Branco, 257-17 - S/1711-12
Sede do M. A. I. P.
Rua S. José, 93-1

MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE

ENEIDA

Não sei se todas as nossas amigas já se convenceram da necessidade imperiosa da defesa da paz no mundo atual.

Preservar o mundo de uma nova guerra é dever principalmente das mulheres e em todo mundo ouve-se o angustioso e fêlo das esposas e mães, das filhas e noivas para que o mundo seja pacífico, para que haja alegria e felicidade.

Temos nós duas páginas comovedoras e é bom que todos conheçam quanto custa uma guerra, para melhor defender a paz mundial.

Vejam a França:

Em 1939 sua população era de 41.5 milhões de habitantes, em 1946 de 40.100.000.

ou 1.400.000 habitantes a menos. Morreram na guerra

200.000 militares e 230.000

ficaram inválidos, ainda

450.000 mortos civis e

265.000 inválidos.

Em 1935 foram reintegrados à vida francesa:

910.000 prisioneiros

650.000 deportados

40.000 deportados políticos

60.000 alsacianos e lo-

renos.

E as perdas em terras cultivadas, e as estradas de ferro, as pontes, navios, etc.

A França possuía, em 1938 12.640 navios e em de-

zembro de 1944 apenas 6.420.

E a URSS? 1.710 cidades foram total ou parcialmente incendiadas, 6 milhões de edifícios destruídos, 25 milhões de pessoas ficaram sem teto; 31.850 empresas industriais que empregavam cerca de 4 milhões de operários foram destruídas, assim como 42.000 bibliotecas públicas, 84.000 escolas primárias, médias e técnicas e 40.000 hospitais. As perdas humanas ultrapassaram vários milhões.

E os outros países?

Quanto mortos, quanta destruição, quantos crimes? Só essas duas páginas tão impressionantes, desses a amar a paz, a desejá-la ardente e profundamente, lutar por ela sem cessar.

foi enforcado na Bulgária um traidor: Petkov. Por que foi enforcado? Porque conspirava contra os interesses de sua pátria, porque traiu seus concidadãos. Seu julgamento impressionou o mundo: todas as correntes políticas búlgaras se pronunciaram pela morte ao traidor.

Um telegrama dos jornais conta que as mulheres da Bulgária, principalmente as de Sofia, exprimiram seu pensamento patriótico e anti-fascista em face do julgamento. As mulheres búlgaras sentiram a justiça do julgamento do traidor Petkov. Estas fizeram a guerra e sabem que para construir a paz não há lugar para traidores.



Os doze anos de Gracinha

Laura Austregésilo

Uma vez Gracinha ouvira o casal comentando, enquanto d. Zefa tratava do rei:

— Esta gente é mesmo suja e relaxada. Dá nójo. Vivem como bichos.

— Mas olha que ela é uma lavadeira e tanto, defendia o marido. Se são sujos, a roupa é limpa de fazer gosto. É cobram barato.

Em certa ocasião, quando o Major exclamara entusiasmado, ao ver três de seus ternos de linho branco esplendidamente engomados: "Sim senhora, dona Zefa, estão uma beleza, melhor do que na tinturaria", a esposa censurara-o: "Você faz muito mal em elogiar. Esta gente só tem uma preocupação: nos explorar. Amanhã ela é capaz de aumentar os preços, pensando que vale alguma coisa."

Gracinha ficara então vermelha, cerrara os dentes e as mãozinhas. Teve ímpetos de pegar os ternos e esfregá-los no chão, dizer desaforos (muitos desaforos!) e nunca mais voltar.

É quando se metiam a falar do pai de Gracinha!

— D. Zefa, como vai seu Amaro?

— Vai indo como Deus é servido.

— Já criou juízo? É preciso que ele deixe de loucuras, se lembra que tem mulher e filhos.

Uma vez, quando d. Zefa não foi buscar roupa uma semana e depois apareceu magra, triste, olhos fundos, contando ter perdido o último filhinho, que vivera apenas dois dias, coitadinho!, d. Carolina dissera:

— Mas como é que a senhora ainda tem filhos, d. Zefa? Que falta de consciencial!

— Que que eu posso fazê, minha senhora? É a vontade de Deus... Deus os dá e Deus os tira... Filho é a riqueza do pobre.

Quando terminou de dar à irmãzinha o mingau de farinha de arroz e água, Gracinha foi ver a mãe.

— Mãe do meu coração, tu deve tá cansada; senta um bocão. — Beijou-a arrebatadamente.

— Lá vem o diabinho com as maluquices.

Porém assim mesmo tirou as mãos do tanque e abraçou ternamente a filha. Recomeçaram a trabalhar.

Preparada a roupa, fervidas umas peças, ensaboadas outras, d. Zefa apagou o fogo, retirou a lata, enxugou as mãos grosseiras no avental velho, verificou se tudo estava em ordem, se nada fora esquecido, e entrou. Era hora de preparar a marmita para o marido, ajudante de pedreiro, e para o Quincas, que trabalhava em servicinhos leves na mesma obra que o pai, apesar de seus onze anos.

Gracinha cursava o segundo ano primário, quando a polícia viera buscar seu pai. Depois de terem remexido em tudo, à procura dos livros que seu Amaro tinha escondidos, os soldados quebraram a louça, a mesa e as duas únicas cadeiras que possuíam. Ainda achando pouco, arrebataram, aos pontapés e debaixo de palavrões, os três potezinhos de planta que d. Zefa tinha, à entrada do barraco. Saído da cadeia, o homem ficara sem poder trabalhar, coente, alguns meses; assim mesmo, a polícia ainda o levava uma vez; das outras, havia sempre alguém para avisá-lo antes, e ele sumia por uns tempos. Foi então que Gracinha teve, com o Quincas, de deixar a escola, pegar no pesado, passando a ajudar a mãe no sustento da família. Felizmente, desde abril que seu Amaro não precisava mais se esconder; tinha até encontrado trabalho na obra ali perto.

A tardinha, parte da roupa lavada ou passada, Gracinha ainda ajudava a mãe: cuidava do jantar, enquanto d. Zefa cosia ou remendava os trapos do pessoal. Pouca coisa para o jantar: restos do feijão do almoço, uma raiz de aipim ou batata doce, farinha, de quando em quando um pedaço de linguiça ou carne. Terminado tudo, a grande distração de Gracinha era sentar, com a irmãzinha ao colo, no batente do barraco, defronte da Lagoa, e pôr-se a cantar coisas inventadas. A vizinha levantava-se fraca e desafinada, tremia no ar, criava histórias de fada, um mundo em que tudo bonito e farto, Gracinha feliz, fitas de cabelo novinhas de fôlha trazidas no bico do pássaro mágico. E tudo era pretexto para a sua fantasia: um barco de vela vermelha, um avião, a buzina de um automóvel, um tico-tico, o vento das folhas, o silêncio.

Nesta quinta-feira do mês de outubro de 1945, d. Zefa levantou-se bem cedinho. Precisava aprontar toda a roupa da casa de d. Carolina. Ela lhe pedira sem falta para aquela tarde, pois na madrugada seguinte iam todos passar uns dias fora, na fazenda de amigos. E era um não mais acabar de macacões, calças de montaria, camisas, cam setas, blusinhas, shortes. Para d. Zefa, promessa era coisa sagrada. De modo algum faltaria. Além do mais, as filhas de d. Carolina prometera a Gracinha:

— Se você trouxer minha roupa bem passada, ganha fita para seu cabelo.

Já escurecia, quando Gracinha se foi em direção à casa de d. Carolina, a trouxa cuidadosamente ajeitada na cabeça, d. Zefa tendo-lhe feito toda sorte de recomendações:

— Repara onde pisa. Eles tão esperando a roupa.

Num te demora na rua. Atravessa com cuidado. Volta logo.

Enquanto se desviava dos automóveis, caminhões e ônibus que a cada passo lhe atrapalhavam o caminho, o coração de Gracinha espraia-se feliz. Mais fita para seu cabelo! De tão satisfeita, chegava quase a se esquecer de que não gostava daquela gente. As fitas seriam usadas e amarradas, bem o sabia, mas assim mesmo estava radiante.

Tão distraída ia, que quase é atropelada por uma bicicleta. Seguiu a pé pelo Corte de Cantagalo, saíra na Praça Eugênio Jardim, tomara Xavier da Silveira e, ao atravessar a rua Barata Ribeiro, esbarrou no ciclista. A trouxa oscilou.

— Ó estupoire, não bês por onde andas? gritou-lhe o caixeiro, português desabusado.

Entretanto, pensando bem, o contentamento de Gracinha não era completo. Não gostava daquela gente, e não gostava de receber nada deles. Chegou, por um instante, a desejar que se esquecessem da promessa, para poder dar razão à sua antipatia. Mas logo se lembrou das fitas, via-se sentada na porta do barraco, domingo de tarde, a mãe lhe desembaraçando o cabelo com aquele pente quebrado que guardava zelosamente. De que cor seriam as fitas? Quantas serão? "Tomara que sejam verde, ainda num tenho; não, mió é memo cor de rosa briante". Pôs-se a cantarolar.

Escurecia, Gracinha suspirou de cansaço, moveu o pescoço dolorido, arriado sob a trouxa, tropeçou num buraco; um tamanco fugiu-lhe do pé, perdeu o equilíbrio. A roupa, prontinha para d. Carolina e a família se divertirem na fazenda, oscilou na cabeça da mulatinha e roçou no chão.

— Chl! meu Deus! A roupa de d. Carolina que eu prometi levá direitinho!

Ainda bem que o lençol que a envolvia estava todo pregado de alfinetes! Assustada, Gracinha procurou reequilibrar-se, tropeçou noutro buraco, caiu.

— Lugá mardito! Danado de buraco!

O coraçãozinho aos pulos, levantou-se, apanhou o tamanco perdido, procurou limpar com as mãozinhas trêmulas o sujo e a poeira da trouxa, tornou a pô-la na cabeça e resolveu atravessar logo a rua, para livrar-se daquele pedaço esburacado.

Um ônibus da Light, que passava em disparada, tentou desviar-se, pegou-a. Gracinha mal teve tempo de gritar. A roda traseira do veículo passou por cima do corpinho magro e murcho, que teimava em não se desenvolver.

Ainda gemeu! "Mamãel!" Nem pôde dizer: "A roupa pensada vagamente: 'As fitas... as fita pro meu cabelo eu prometi levar direitinho'. Talvez tenha apenas belo..."

CRIANÇAS QUE NASCEM



A natalidade tem aumentado no Distrito Federal, segundo os dados fornecidos pelo Anuário da Prefeitura. Vejamos um quadro comparativo:

Ano	Legítimos	Ilegítimos
1941	30.038	4.715
1942	33.034	6.030
1943	33.884	7.211
1944	34.678	7.729
1945	35.816	7.111

Assim, no quinquênio 1941/1945 nasceram vivos 167.450 filhos legítimos e 32.796 ilegítimos.

Miúda, magrinha, o vestido desbotado vindo até o meio das pernas, um decote imenso a lhe escorregar pelos ombros, Gracinha saltou do bonde na praça General Osório, auxiliou a mãe a descer as trouxas de roupas. D. Zefa, por sua vez, depois de colocar uma trouxa na cabeça, ajudou a filha a ajeitar a outra. E lá se foram as duas em direção ao barraco. Dobraram pela rua Barão da Torre, atravessaram Farme de Amoedo e dirigiram-se para a Lagoa. Subiram o morro. As trouxas pesavam. Por mais que estivessem acostumadas, pesavam sempre, sempre cansavam. Aquela luta não tinha fim: ir buscar roupa suja, levar roupa limpa.

A manhã alta, de começo de verão, esplêndida. O sol batia em cheio. Uma leve brisa oscilava no arvoredo, encrespava as águas da Lagoa, perdia-se ao longe, na linha das montanhas. Flutuava uma como que paz e doçura em toda a paisagem. Nem Gracinha, nem d. Zefa reparavam, tinham apenas pressa de chegar em casa. Enquanto a mãe, depois de arriar as trouxas, descia e subia duas vezes o morro para apanhar água, e separava a roupa, preparava sabão e o fogo, a menina foi até a cozinha, olhou a panela do feijão, botou água, avivou a lenha. Ia falando à toda, sem esperar resposta:

— Arlete, onde que tu tá? Esta menina tá cada vez mais levada... Juquinha, vai te aprepará pra escola. Anda depressa se não num te dô armoço. Mãe, onde andará Manduca? Será que ele deu mió pras galinha?

A medida que falava, ia acumulando. Pegou na vassoura e chamou:

— Arlete, vem cá. Tu bem que podia dá uma ajudinha, varre o quintal.

Mas Arlete, que brincava com outros moleques, fez que nem ouvia. Nisso, a pequerrucha pôs-se a choraminhar:

— Bobinha, num chora não; eu tô aqui. — E a vizinha tomava inflexões maternais. — Vê já te dá teu mingauzinho. — E como a irmãzinha abrisse no choro, Gracinha tirou-a do caixote de querosene, tomou-a nos braços, sorrindo:

— Chl! que porcaiona! Toda moiada.

Deitou-a simplesmente no chão de terra batida. A criança recomeçou a chorar.

— Assim eu num posso te dá comida. Fica quieta, cuetinha, que nem os anjinho do céu. — E deu-lhe uma pontada de pão da véspera, para entretê-la.

Os doze anos de Gracinha teimavam em não se revelar no corpo murcho, magricela, de ombros estreitos. A pele escura, amanchada, dava-lhe um ar doentio. No rosto de narizinho chato, dentes cariados, só os olhos brilhavam, grandes e pestanudos. O cabelo pixaim nem sempre via pente: era só quando d. Zefa tinha tempo; então a mãe lhe fazia uma porção de traacinhas e amarrava-as com fitas de cor. Estas fitas eram a grande paixão: a vaidade, o orgulho de Gracinha; embora velhas e desbotadas, guardava-as com amor numa caixa de sabonete Dorly, amarelas, brancas, vermelhas, azuis, rosa. As últimas que ganhara tinham pertencido a uma das filhas de d. Carolina e de seu Major Esteves. Bons fregueses! costumava suspirar d. Zefa. Bons fregueses! De vez em quando davam uma roupinha velha para as crianças. Até remédios já tinham dado. E também, de vez em quando, brinquedos usados.

Bons fregueses, mas Gracinha não gostava deles. Preferia até aqueles que não faziam nenhum caso delas, que nem davam bom dia, nem perguntavam pelo pai. Em casa do seu Major Esteves, não era assim não. Tomavam uns "ares de príncipes" e tinham sempre o que reparar:

— Zefa, esta menina está muito magra. A senhora precisa cuidar mais da alimentação dela.

E o filho de d. Carolina, espigado, o buço já apontando, a cara espinhenta, e que queria ser médico, logo acrescentava:

— Porque a senhora não dá mais verduras a ela? E frutas? Vitamina, vitamina, é o que as crianças precisam.

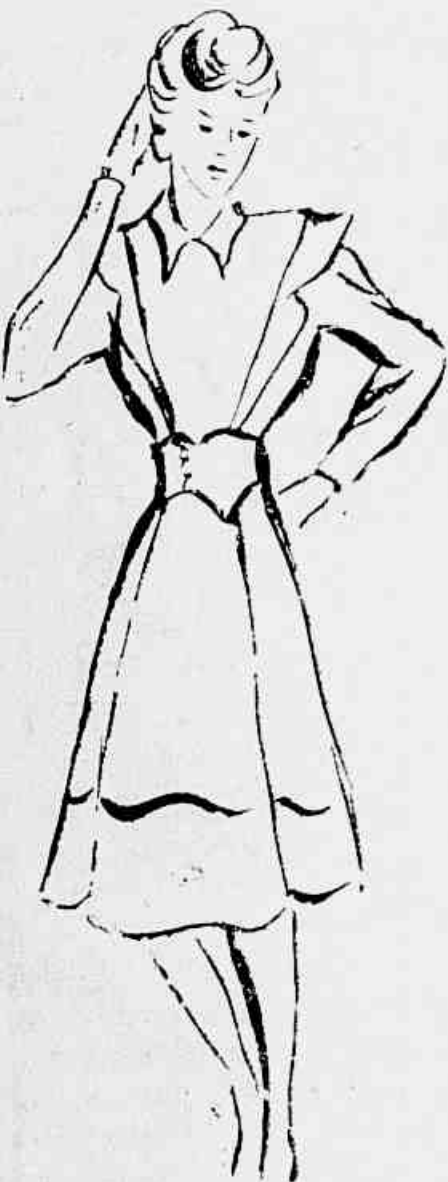
EVITEMOS A CRISE DO CAFÉ

Grande ameaça sobre a nossa economia básica

Todos sabemos que o Brasil saiu do Comitê Internacional de Alimentação, organismo dominado pelos Estados Unidos e Inglaterra. Por esse fato nossas importações de trigo e juta estão sendo sacrificadas. A juta vai repercutir consideravelmente na exportação do nosso café, pois nos está sendo dificultada a quota de quinze mil toneladas de juta por mês, que recebíamos da Índia. Por outro lado, o governo cruza os braços ante a necessidade do desenvolvimento da juta na Amazônia, que iria facilitar sacaria a todas as firmas ensacadoras de café e de arroz. A juta amazônica é mais resistente do que a da Índia e é bom lembrar que a indústria de sacaria utiliza de nossa juta 55 % e da indiana 35 %. Provado está que podemos superar a importação do similar estrangeiro, se o governo se interessar, não só facilitando o desenvolvimento da fibra nacional, como diminuindo as barreiras alfandegárias, os impostos estaduais escorchantes e os fretes sobre a nossa juta.

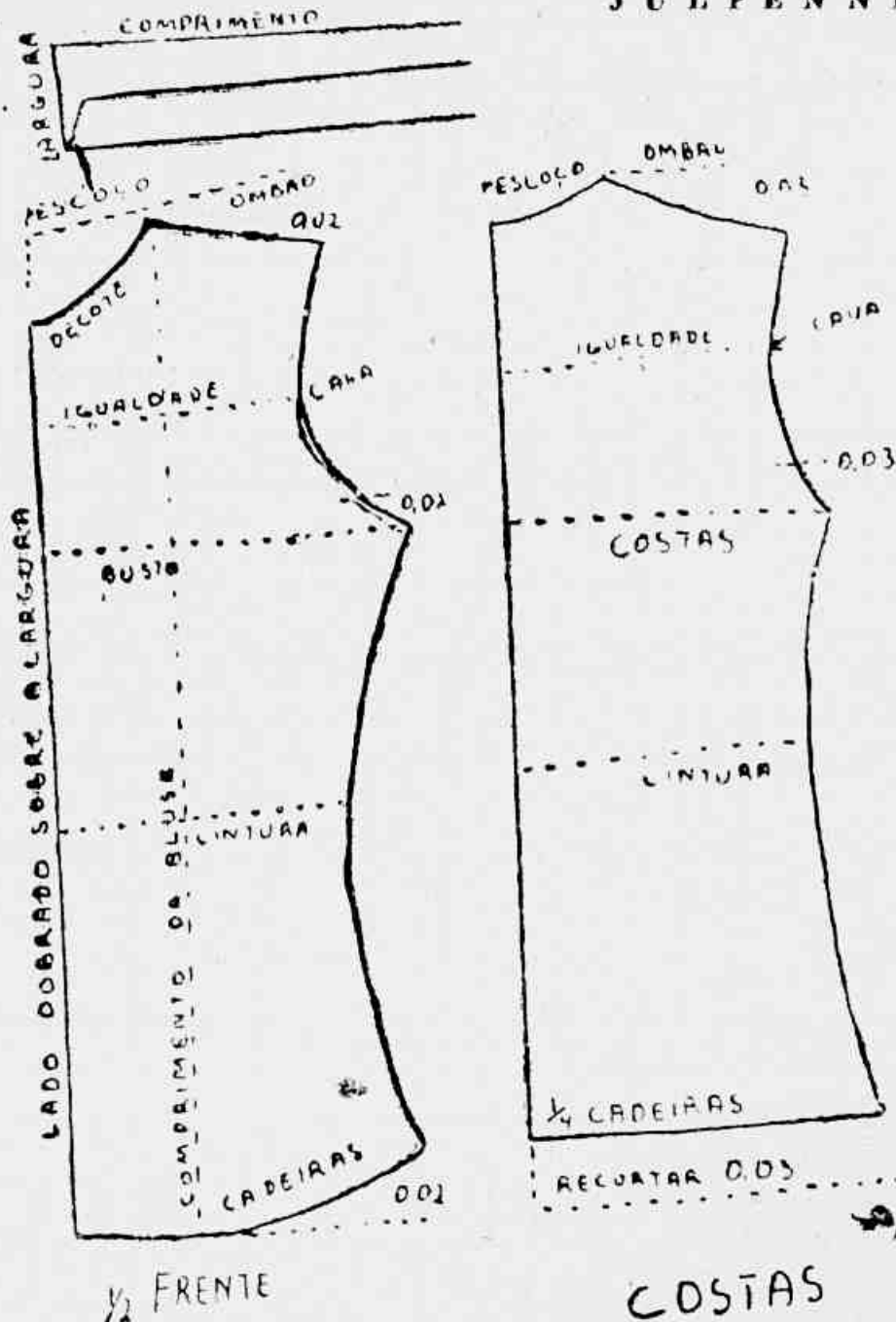
Como se vê, é muito fácil evitar a crise do café que se avizinha, bem como do arroz, que poderia ser exportado a bom preço para a Bulgária, se tivéssemos desembaraçado o problema da juta nacional, hoje boicotada pelo Comitê Internacional de Alimentação.

A verdade é que o governo precisa olhar para os nossos problemas econômicos com mais carinho e abandonar os negócios prejudiciais ao nosso povo com os trusts estrangeiros.



SEGUNDA LIÇÃO DE COSTURA

JULIENNE



Agora que temos as nossas medidas, vamos cortar uma blusa simples. Certamente, nas primeiras lições substituímos a fazenda por papel.

Dobremos a fazenda em dois (sendo larga dobremos com a largura correspondente à metade do molde, como na figura), e marquemos sobre o comprimento, o comprimento da blusa. Em seguida trabalhe sobre a largura da fazenda marcando 1/4 de pescoço e depois o ombro. Descendo no final do ombro marquemos a cava e a metade da cava. No final do ombro devemos descer 0,02 que devem ser aumentados em baixo da cava afim de conservar a medida da mesma. No limite da 1/2 cava sobre a largura marquemos a "igualdade" da frente em baixo da cava e pela largura marquemos o busto. No limite da cintura marquemos 1/4 da mesma e se a blusa é comprida, a 0,20 ou 0,25 devemos marcar 1/4 das cadeiras. Da mesma forma devemos marcar o decote e recortar 0,02 na parte inferior da blusa.

Para as costas devemos fazer a mesma operação, de acordo com a figura, aplicando as medidas relativas às costas e às "igualdades". Em vez de 0,02, desceremos 0,03 no ombro, devendo recortar 0,03, quer dizer, o comprimento das costas fica 0,03 mais curto, porque o busto é mais forte, a não ser que se trate de pessoa exageradamente magra. Neste caso, recortemos apenas 0,03 na ponta.

Cortando a fazenda, não devemos esquecer de deixar 0,04 dos lados e no comprimento para as costuras. Também 0,02 no decote, no ombro e na cava.

O NOSSO MOLDE

Recorte o modelo que mais lhe agradar, tire as suas medidas como está indicado na figura e remeta com o cupon abaixo para a nossa redação — Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro.

Julienne:
Envio o modelo, as medidas e a importância de Cr\$ 10,00 para receber o molde.

Nome.....

Endereço.....

Dr. Urandolo Fonseca

CIRURGIA GERAL

Consultas diárias das 15 às 17 horas. — Tel. 25-4242

CASA DE SAÚDE SANTA MARIA

LARANJEIRAS, 72

Luísa abandonou o lapis sobre a mesa e abriu a porta para Dr. Roberto. Descolou um sistema prático de eliminar as dúvidas e economizar o tempo.

— Hoje escrevi num papel todas as dúvidas... Não perderemos um minuto.

— Começemos.

— Quais são os obstáculos que impedem a amamentação?

— Antes de enumerá-los gostaria de reafirmar o sagrado dever da mãe para com o filhinho de nutri-lo ao seio, continuando a grande obra levada a efeito durante os meses de gestação. Somente em casos extremos cessa o imperativo dessa obrigação. Estão incluídos em duas séries os obstáculos à amamentação natural, uma que se refere à nutriz, outra que diz respeito à criança.

— Defeitos físicos da criança, Dr. Roberto?

— Em parte. Vícios de conformação do aparelho bucal: leito de lebre, guela de lobo dificultam e às vezes tornam impraticável a sucção. Temos ainda a impossibilidade originada pelo estado geral da criança, a debilidade congênita, por exemplo. Motivos outros existem como a arreflexia, a preguiça de mamar e o terror de mamar.

— Preguiça! Terror de mamar?

— No primeiro caso é preciso estar atento porque talvez haja defeitos dos centros nervosos do recém-nascido e o segundo caso é raro, encontrado em filhos de pais nervosos.

— E os impedimentos ligados à mãe?

— Apresentam-se sob dois aspectos: de ordem local e de ordem geral. O seio pode apresentar-se inadequado à amamentação com mamilos mal conformados: chatos ou umbelizados. Existem situações ligadas à saúde da nutriz que constituem contra-indicações à amamentação materna. Os principais são a tuberculose laringea, a pleural e a pulmonar. A febre traz por si mesma a interdição absoluta.

— Nesse caso a sífilis deve forçosamente afastar a criança

PUERICULTURA

OBSTACULOS À AMAMENTAÇÃO

MARGARIDA

do seio materno. A sífilis doença terrível...

— Há engano em suas conclusões. A sífilis não traz, contra-indicação às refeições normais entre a mãe e a criança.

— Pense bem doutor. Talvez esteja confundindo a sífilis com



— Prosigamos. Não tenha susto, de agora em diante não farei tantas perguntas...

— Não concordo com essa resolução apresentada. Continue indagando, esmiuçando coisas, matando dúvidas. É mais interessante assim — nossa palestra adquire vida.

— Ótimo! E as contra-indicações?

— Situações em que a amamentação traz fadiga e agravamento do estado geral da nutriz: lesões cardíacas não compensadas, doenças debilitantes como diabetes grave, câncer, ulcera gástrica, etc.. Ou neuroses e psicoses também constituem obstáculos sérios.

— E se a mãe durante o período de amamentação contrair uma infecção aguda. A criança deve ser afastada, isolada não é?

— O perigo de contaminação da criança não deve ser esquecido. Compreende-se que em casos de coqueluche, varíola, meningite meningocócica a amamentação precisa ser suspensa. Alguma coisa ainda a esclarecer?

— De memória não me ocorre nada.

— E nosso papelzinho do interrogatório?

— Ah... Faltava uma coisa... Imaginem que a mãe está amamentando o filhinho e descobre que está esperando outro bebê... Que fazer nessa situação?

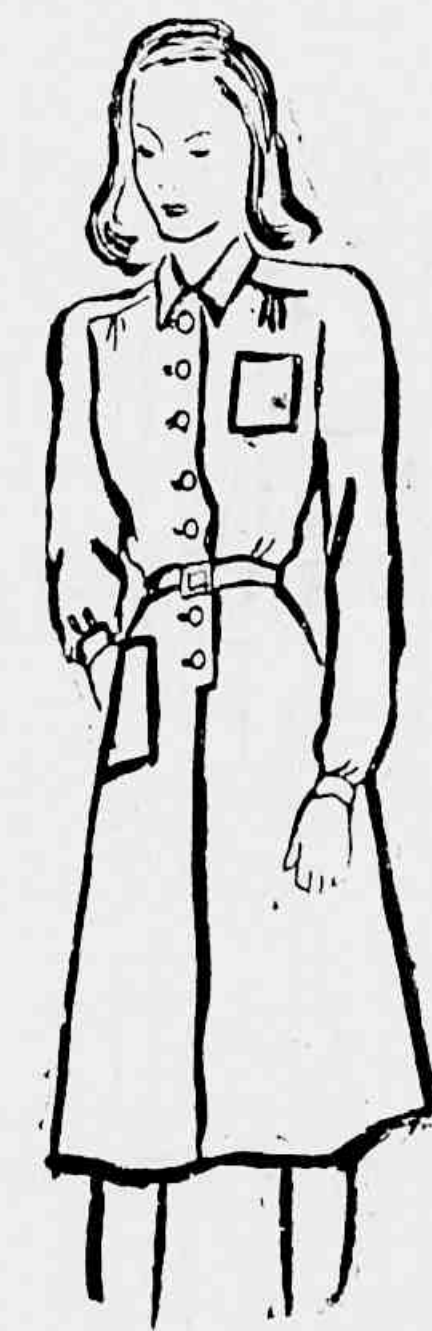
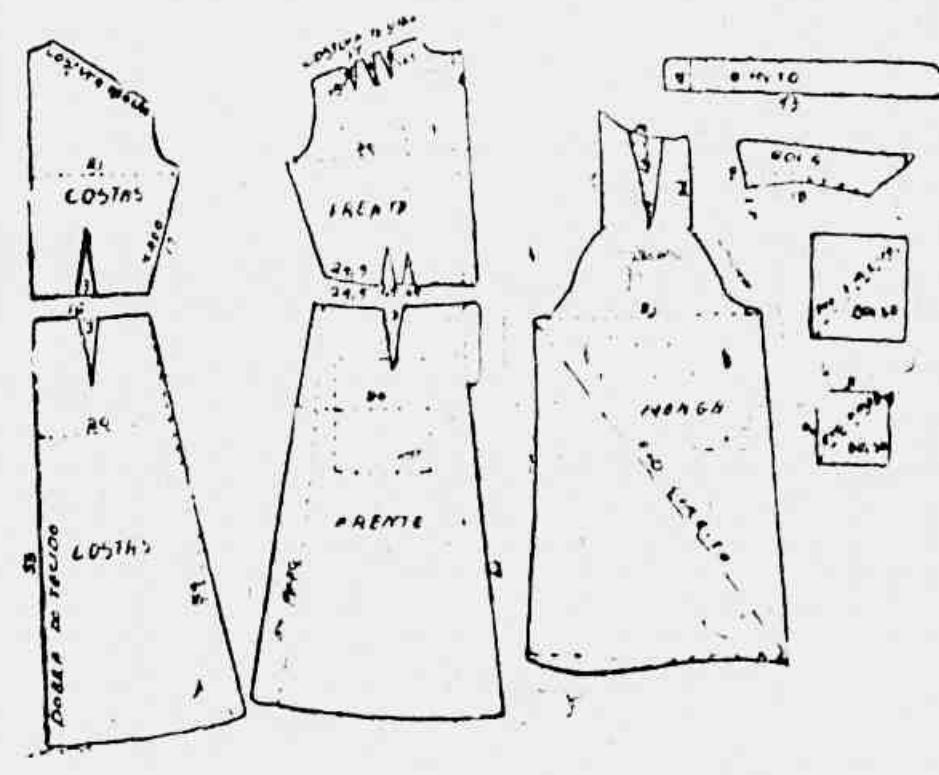
— Em benefício da mãe, em caso de gravidez, impõe-se o desmame. Não é justo sobrecarregar-lhe o organismo com duas tarefas cheias de exigências. A criança requer atenções, o desmame não será brusco, imediato, processar-se-á lenta e gradativamente.

— Estou satisfeita...

Vestido de mocinha

Um modelo simples que se presta para tecidos finos de lã. O molde ajudará às mães que fazem os vestidos de suas filhas. O feitiço é simples enfeitado com o talho e os botões. As cores mais em voga, tons sombrios, ou brilhantes, mas sempre originais. Por exemplo — verde amendoa, azul fumaça, amarelo mostarda. Em contraste — vermelho sangue, azul anil ou verde bandeira.

Preferimos os tons discretos.



Doenças das Senhoras e Senhoritas

DR. VICTOR HUGO

Consultórios: Ed. Darke de Mattos

RUA 13 DE MAIO, 23 - 17.º andar - Sala 1719 - Fone 42-9056

RUA SÃO JOSÉ, 27 - sobr. - Tels. 42-5275 e 22-6461

A FAVELA DE AREINHA

GUIOMARINA PEREIRA

Ao sairmos da alhinhadíssima Av. Ataulfo e Paiva, no belo Leblon, e caveredarmos por qualquer das ruas transversais, caminhando para o lado oposto à praia, encontramos a favela Praia do Pinto. Há uma parte menor, compreendida nas quadras formadas pelas ruas Humberto de Campos, Adalberto Ferreira, do Pau, Cupertino Durão, João Lira e José Linhares, que se chama Areinha. Eis a atual tragédia dessa favela:

Vivem, em Areinha, cerca de 1.500 seres, mulheres, homens jovens, velhos e crianças, em barracos de caixas e táboas podres, cobertos por latas velhas, plantados em terrenos que a Companhia Terrenos Leblon Limitada, dizem serem seus. Estes barracos estão agora ameaçados de demolição!

E as velhas que assistiram ou viveram o incêndio do Largo da Memória conversam conosco e pedem que as ajudemos. Precisam de um lugar para se meter, com os seus entes queridos.

D. Izabel Benícia nos fala: "Hoje estou mais cansada e quando me lembro dos dias horríveis, com meus dois filhos pela rua, dormindo no Distrito Policial, como uma criminosa, por não ter onde dormir, não sei se tenho forças para aguentar mais isto. Foi uma amiga que me deu, sem me conhecer, agasalho até eu comprar por Cr\$ 300,00 um bequinho atôa, onde me meti com os dois. E' ruim, meu barraco, mas eu não durmo na rua nem no Distrito. Agora vem esta tragédia.

— Preciso de morar por aqui, por perto — diz D. Francisca de Oliveira. Tenho 4 filhas moças e um filho. Todas trabalham e eu sou lavadeira, com freguezia certa, no bairro. Quando comprei meu barraco, chovia nele que era uma desgraça e eu com meus filhos endireitamos, carregando táboas e táboas na cabeça. Hoje que julgávamos ter um pouco de socorro, acontece isto.

Vemos, entre as mulheres, uma jovem do interior. Traz uma criança nos braços. E' Crisélites Correia, que, meio encubulada conta: "Moro com minha mãe e 5 irmãos. Sou viúva e tenho esta filha. Chegamos há um ano e tanto do interior, onde nossa situação estava ficando difícil. Pensamos viver aqui e compramos, com as nossas economias um barraco. E' o 743. Trabalho na Fábrica Carioca. Mas o pior é que não poderemos nem transportar o nosso barraco. Ele é

formado por paredes dos outros e só o telhado, de lata velha, é que se pode tirar. Precisamos morar perto do meu trabalho. Casa, por aqui não se acha. E nós que viemos com tanta esperança...

Vemos d. Catarina, a velha

Mesmo assim nós somos dos poucos que podemos alugar casa, cada um dando um tanto para o aluguel. Veja aqui esta senhora. Tem 6 pessoas em casa. O barraco pode ser transportado como o dessa ou aqui". Aponta para outra e continua:

nos unir e arranjar entre nós uma associação feminina. O primeiro trabalho é a luta pelos nossos barracos. E nisso cooperamos com nossos maridos, filhos, irmãos. Já fomos à Câmara Federal e ao Conselho Municipal. Fizemos uma re-



Maria de Oliveira Pinto, d. Cassemira, d. Irany do Nascimento Venancio, d. Amelia Tavares Neto, a viúva Maria da Conceição Oliveira, d. Izaura Rodrigues da Silva, d. Tereza Lopes da Silva, com 10 pessoas que nos diz que só tem duas camas e é preciso que os da cama se deitem a fim de que os outros possam se agitar. Todas com filhos, sempre 3 ou mais, moradores de 4 a 8 anos. Comprando barracos por 400, 1.500, 3.000 e até 6.000 cruzeiros. Comprando latas velhas e caixotes a fim de os melhorar. Morando, às vezes, 12 pessoas onde não dá nem para 5. São domésticas, lavadeiras, operárias. Seus maridos operários.

E numa roda, lavando roupa na porta de seu barraco, vamos encontrar d. Maria Rita que nos fala: "Meu marido é aposentado de obras com Cr\$ 250,00 mas a companhia lhe deu um lugar de vigia. Temos 8 filhos e moramos há 9 anos aqui. Podíamos alugar casa. Mas cada casa por perto? Nem longe.

"Esta tem 7 filhos e não pode nem ajudar o marido. E quanto necessidade passa". E continua mostrando as outras: "D. Felicia e D. Maria Conceição. Esta aqui, d. Maria, trabalha na Lavanderia Parisiense. Do seu barraco só as latas velhas podem ser aproveitadas. Do da d. Felicia, nada. Tudo podre. O que se pode fazer quando tudo está pela hora da morte? Nem leite para as crianças e ainda por cima isto.

Depois chama atenção para o caso das patroas: "As donas de casa, moradoras do Leblon, que têm suas lavadeiras em Areinha, vão também sentir a consequência, se este despejo se realizar. As tinturarias estão caras e só uma roupa ou outra pode ser lavada nas mesmas. Não, isto não pode acontecer. As próprias donas de casa do Leblon, que têm suas empregadas moradoras em Areinha, hão de defender este povo que sofre". E termina d. Maria:

"O que precisamos mesmo é

união, onde tomaram parte mais ou menos 300 moradores de Areinha e entregamos memoriais aos deputados e vereadores presents. Voltamos à Câmara e ao Conselho com uma comissão de 87 pessoas. E continuamos a luta pelo que mais é preciso para uma família existir mesmo: moradia. Esperamos que o prefeito nos atenda, pois os parlamentares estão conosco.

MOMENTO FEMININO felicitada e está solidária com os moradores de Areinha, especialmente suas mulheres, empenhadas nesta luta, esperando uma vitória.

Dr. Francisco de Sá Pires

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

Salão Coelho

CABELEIREIRO SOB A DIREÇÃO DE AURORA
PERMANENTES, CORTES, PENTEADOS, TINTURAS
E MANICURE

RUA CATETE 278 — Telefone 25-0154

CARTA DE AMOR

de DIDEROT a SOPHIE VOLLANT

Julho de 1757.

Não poderei partir sem te dizer uma palavra de adeus. Minha amiga como confias em mim!! Tua felicidade e tua vida dependem da durabilidade de minha ternura! Nada temas, minha Sofia: essa ternura hã de durar muito e tu serás feliz. Dou tudo para ti e és tudo para mim. Suportaremos juntos as dores que a sorte nos proporcionar; tu suavizarás as minhas, eu acalmarei as tuas. Possa eu sempre te ver como há alguns meses! Para mim estou como no começo de nosso afeto: não é um mérito que possuo é uma justiça que te fa-

ço. O efeito das qualidades reais é que elas se fazem sentir dia a dia mais vivamente. Confia na minha constância e no meu discernimento. Jamais nenhuma paixão foi mais justificada pela razão do que esta minha. Não é verdade que és encantadora? Olha para dentro de ti mesma, vê como és digna de ser amada e sente o quanto tu te amo.

Boa noite minha Sofia vou partir cheio de alegria a mais doce, a mais pura que um homem possa sentir.

Sou amado pela mais digna das mulheres.

Coisas que aconteceram...

(dos jornais)

CAMBIO NEGRO DE TRIGO NO RECIFE

Foram apreendidos 5.770 sacos de farinha de trigo, os quais se achavam retirados pela firma Daniel Rodrigues e Cia., que os havia destinado ao negocio no "cambio negro".

FILMES FALADOS EXIBIDOS EM CASA

O presidente da Rádio Cinema Thetres Corporation anunciou que a sua empresa está ultimando um novo método para a transmissão de filmes falados pelo fio telefônico comum, diretamente à casa dos interessados. Acrescentou que vinte milhões de assinantes de telefones nos Estados Unidos poderão ter seu cinema em casa, gastando um dolar por filme.

DIREITOS POLÍTICOS À MULHER

BUENOS AIRES, 23 (A.F.P.) — O presidente Peron promulgará hoje a lei que concede direitos políticos à mulher.

CONSERVAÇÃO DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS

O Tribunal de Contas ordenou o registro do adiantamento de Cr\$ 500.000 ao Ministério da Viação, para despesas com os trabalhos de conservação e restauração dos monumentos históricos.

CLÍNICA DE SENHORAS E CRIANÇAS

Ginecologista — DR. VASCONCELLOS CID

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas.

2as., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas.

EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — 32-7709

AV. 13 DE MAIO — N. 23 — 18.º andar

Pego um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclusa uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO"
— RIO DE JANEIRO —

DR. LUIS WERNECK DE CASTRO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - S. 25.
Diariamente, das 12 às 13 e 16
às 18 horas. Exceto aos sábados. — Fone 23-1064

HELIO WALCACER

Advogado

R. 1.º de Março, 6 - 4º And.
Sala 4 — Telefone: 43-3505

ASSINE

MOMENTO FEMININO

3 meses ... 12,00

6 meses ... 22,00

12 meses ... 40,00

Faça os seus pedidos para
a Gerente na Redação

R. DO LAVRADIO, 55 - s. 14
RIO DE JANEIRO

Prazer em Conheçê-lo

DIDEROT (Denis) — O autor da carta de amor que hoje publicamos foi um grande filósofo materialista francês. Nasceu em 1713 e morreu em 1784. E o grande ideólogo da burguesia revolucionária do século XVIII. Foi o fundador e principal redator da "Enciclopédia", grande publicação que constituiu uma verdadeira máquina de guerra em defesa das idéias filosóficas do século 18.

Diderot escreveu também romances e dramas. **SOPHIE VOLLANT** dela pouco se sabe. Diderot encontrou-a quando tinha 42 ou 43 anos e ela 39 ou 40. Mulher de grande cultura e dedicada aos estudos filosóficos, Sophie Vollant e Diderot amaram-se até a morte. Suas cartas são de amor e de estudo. Sophie e Diderot discutiam os problemas da época. Numa das suas cartas diz Diderot que ama em Sophie "o saber de ser mulher ou ser homem quando é preciso". E Sophie mulher e homem escreveu em seu testamento: "Deixo ao senhor Diderot sete volumes de Montaigne encadernados em marroquim vermelho e um anel que chamamos "Minha Paulina".

Dessa grande mulher que foi Sophie Vollant, namorada, amante e companheira do grande filósofo resta apenas o nome ligado a Diderot, à sua correspondência e à sua vida.

Sabe-se que nasceu, que morreu, que estudou, que amou profundamente, que acompanhou toda a luta leonina daquele homem. Isso não bastará?

O ENSINO PRIMÁRIO NA ZONA RURAL

Por LYCIA MARIA LESSA BASTOS

A justificação do projeto n.º 6 de 1947, reformando o Ensino Normal no Distrito Federal, teve oportunidade de abordar este assunto e creio que então demonstrei que o ensino primário na zona rural não será resolvido com a criação de escolas normais sujeitas ao mesmo programa adotado no Curso Normal do Instituto de Educação.

A esse propósito, citei a opinião de J. Pinto Lima, autor da monografia "A Educação Primária nas Zonas Rurais do Distrito Federal": "os mestres responsáveis pela educação na zona rural devem ser habilitados em cursos especiais que os fiquem compreendendo a vida rural e os seus problemas, dando-lhes conhecimento da agricultura, higiene, economia, alimentação e pequenas indústrias."

Infelizmente nada se fez no sentido da criação de cursos complementares para a formação de professoras rurais, pois a Escola Normal de Madureira adotou os mesmos planos e programas de ensino do Curso Normal do Instituto de Educação.

A verdade é que a Escola Normal de Madureira não é, absolutamente, uma Escola Normal Rural, cuja qualificação não pode ser dada pela sua sede mas sim pela sua própria finalidade. Aliás, o referido estabelecimento de ensino, sediado em Madureira, está localizado na zona suburbana e não na rural.

Já manifestei minha discordância dos que preconizam a necessidade de criação de uma Escola Rural, de ensino especializado, pretendendo regionalizar a escola, ruralizando o ensino, advogando a necessidade de adotarmos dois tipos de ensino primário: um para a zona rural e outro para a zona urbana no que concerne à harmonização da escola com os interesses e tendências do meio.

Foi por assim pensar que no mencionado projeto número 6 propus fosse incluído no plano do Ensino Normal o "Curso de preparação para o ensino rural, com instalações apropriadas na própria zona rural."

Permeando, dei ao art. 7 do referido projeto a redação seguinte:

"O curso de preparação para o ensino rural visará ministrar aos professores primários em exercício na zona rural conhecimento dos problemas específicos da região e as noções indispensáveis à vida do rurícola."

Parágrafo único — Para a organização desse curso, que deverá ser provido de um serviço volante, a Prefeitura entrará em entendimento com o Ministério da Agricultura no sentido deste cooperar no ensino prático de horticultura, fruticultura, avicultura, sericicultura, cooperativismo, alimentação e higiene rural."

No Distrito Federal ainda não se cogitou disso mas, em compensação, pretendeu-se resolver o problema do ensino rural com a criação de uma Escola Normal sediada em Madureira e com a mesma "estrutura e finalidade" do curso normal do Instituto de Educação, conforme o pensamento expresso pelos seus propugnadores.

O pretexto para a criação dessa Escola foi a crise de professores primários. A razão foi o aproveitamento desse pretexto para a manifestação da subserviência de indivíduos que se especializaram na rendosa arte da bajulação.

A mais lógica, a mais simples, a mais fácil e barata solução à crise de professores primários seria a transferência do curso ginasial do prédio do Instituto de Educação, para que o Curso Normal, que constitui a sua principal finalidade, pudesse ter maior desenvolvimento.

Essa é a medida que se impõe, pois, conforme já demonstrei em artigos anteriores, cessada ou atenuada uma das causas da falta de professores — a má remuneração do magistério primário com relação a de outras carreiras — é natural que aumente o número de candidatas ao professorado e então deve-se remover a outra causa também já por mim apontada: a hipertrofia do curso ginasial em detrimento do normal.

A lei orgânica do ensino normal não obriga os Institutos de Educação a manterem, num mesmo edifício, todos os seus cursos. O que há a fazer, portanto, é transferir o curso ginasial do prédio em que funciona o Instituto de Educação e aumentar o efetivo do curso normal proporcionalmente ao número de vagas abertas no quadro de professores primários.

A dualidade de Escolas é duplamente prejudicial: concorrerá para a formação de duas castas de professoras — as de zona rural e as de zona urbana — e finalizará as crianças da zona rural ao convívio exclusivo de mestras cuja formação mental e social se fez sob o influxo do próprio meio em que vivem. O mimetismo infantil leva instintivamente a criança a imitar as mestras, nas maneiras, nos gestos, no modo de andar, no de se vestir, em tudo, enfim. Por sua vez, as próprias professoras formadas pela Escola Normal localizada na zona suburbana ficarão privadas da convivência educativa das alunas da Escola Normal urbana.

Não há dúvida de que em Estados de vasto território como S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, etc., haverá necessidade da existência de várias escolas normais, mas dada a exatidão relativa da superfície do Distrito Federal, não obriga a adotar uma medida cujos inconvenientes já enumeramos.

Não menos ponderável é a razão de ordem econômica. Além da dualidade de administração, de instalação, de laboratórios, haverá a de corpos docentes e nesse assunto não posso deixar de lamentar o que se fez: improvisaram professores para o novo curso normal.

Acreditado que a comissão encarregada de traçar as novas diretrizes e bases da educação nacional, cogite da organização da zona rural, nunca deveremos dar, no Distrito Federal, demasiada atenção ao propriamente chamado ensino rural.

O que caracteriza a cidade do Rio de Janeiro é ser um grande centro industrial e comercial. As atividades agrícolas e pecuárias são de pequena importância no Distrito Federal que se abastece de laticínios, hortícolas e verduras, ovos e ovos, nos centros produtores dos Estados do Rio, Minas e S. Paulo.

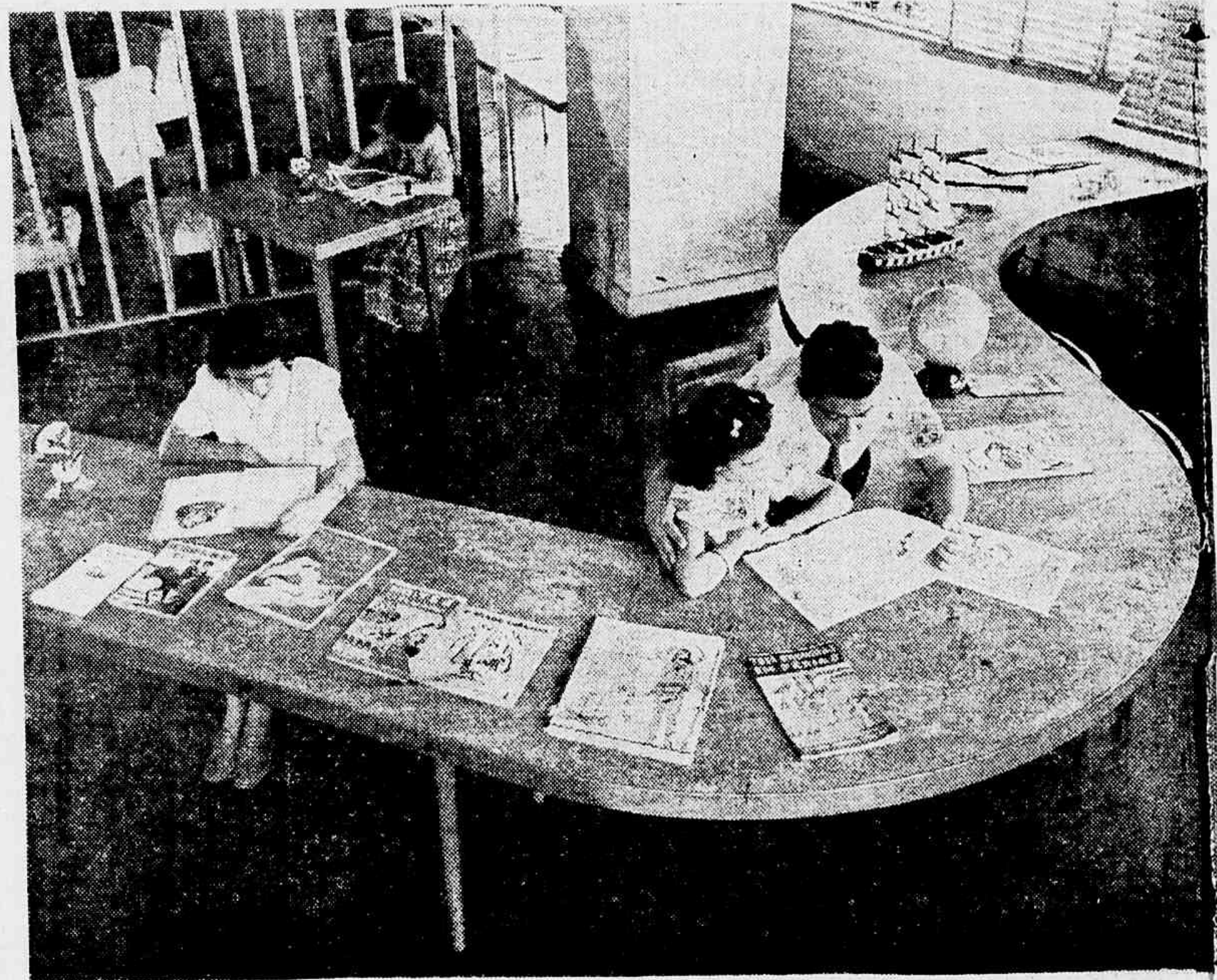
Terminando, reafirmo que nada justifica que, na Capital da República, se procure regionalizar a escola rural e confinar formalmente a medida anti-democrática de se estabelecer diferenças entre os dois Cursos Normais.

UM PROBLEMA DE CULTURA

A criação do hábito da leitura é tarefa que os governos brasileiros não olham e nem sequer aproveitam as instituições existentes, muitas delas já prontas para servir ao povo.

Gritamos contra o analfabetismo e sempre o lançamos como um espantinho horrível. Os governos fazem planos para combater a grande praga e os planos morrem com as explicações dolorosas de "falta de verba". Agora mesmo está o Ministério da Educação empenhado em um

nem pra comer quanto mais pra comprar livro". Um livro com fritas em qualquer boteco vale uma fortuna". As frases se repetem no mesmo sentido: a miséria está impedindo. Mas o problema do livro não é só o da compra impossível. Falta ao brasileiro em geral o hábito da leitura. Uma senhora declarou-nos: "Odeio livros de páginas brancas". (As páginas pretas, segundo ela, são as que não têm diálogos). E então, como dar ao brasileiro o hábito de ler? São criadas bibliotecas. A Biblioteca Nacional é hoje



Um recanto da biblioteca infantil

novo combate ao analfabetismo, assunto que não caberá dentro desta reportagem. Aqui o que pretendemos saber é como se lê no Distrito Federal, principalmente quando se sabe que os livreiros estão falindo, há queimas de livros em toda a cidade. "Não compram nada", diz o Bertrand da Civilização Brasileira. "Ninguém quer ler", fala o Castilho da José Olimpio. "Não há dinheiro". "Não se ganha

um magnífico organismo. Cadeiras confortáveis, boas mesas. Um grande aparelho de funcionários, um fichário completo, os livros cuidados. Mas o horário não interessa a todos. É difícil a quem trabalha durante o dia procurar a Biblioteca que fecha às 20 horas...

Para melhor compreensão desse problema de falta de amor ao livro fomos à Biblioteca Demonstrativa Castro

Alves do I.N.L., organizada por convênio com a Associação dos Servidores Civis do Brasil. Pouca gente conhecerá essa biblioteca modelo. Ocupando toda uma parte do 1.º andar do IPASE, quem entra tem logo a impressão da novidade. É ampla, com mobiliário moderno, arejada e clara não lhe faltando o detalhe de um jardimzinho. Está ali a seção da discoteca que já vem realizando empréstimo e promovendo concertos coletivos. Ao fundo, entre camandongos Mickeys e Patos Donald a biblioteca infantil com suas revistas ilustradas, seus livros de fadas, e também seus leitores mirins. Que grande esforço fazem aqueles pequenos para frequentar um biblioteca tão longe da escola ou de casa. Há inscritos na seção infantil juvenil 220 leitores e o movimento de 1946 foi de 6.362 volumes para 4.930 leitores.

Em 1937 até o mês de agosto foram movimentados 6.518 volumes para 4.922 leitores. Só em julho, disse-nos um dos diretores da biblioteca, 710 leitores consultaram ou tomaram emprestados 1.058 volumes.

Sim, porque essa biblioteca faz empréstimos. Tudo é simples; o leitor apresenta uma carteira de identidade, enche uma ficha, leva um ou dois livros para casa, com o compromisso de devolvê-lo daí há 15 dias.

Está claro que o movimento de adultos é maior, mas assim mesmo, a biblioteca infanto-juvenil é frequentada e movimentada por um grupo de meninas de laçotes nos cabelos e uns pequenos fardadinhos de colégios.

E o que lêem eles?

Os autores mais procurados são (que desgraça!), Ardel, Dolly, Montepin, Escrich, Du Besit, Julio Verne. Segundo as informações prestadas pelos biblioteconomistas que ali trabalham, dos 8 aos 20 anos, em média geral, os livros, procurados são os mesmos!

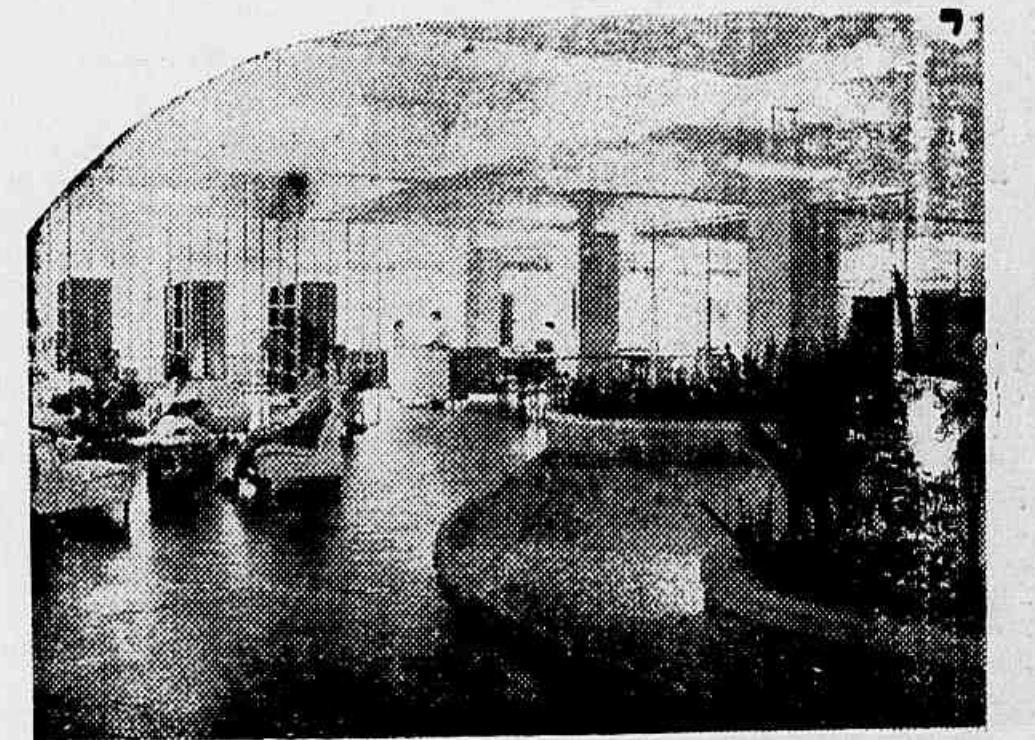
Felizmente isso melhora para os infanto-juvenis quando escolhem os escritores nacionais. Os autores brasileiros mais lidos são em primeiro lugar Monteiro Lobato, depois Lucia Miguel Pereira, Marques Rebelo, Luis Jardim e F. Aquarone. Há ainda os que lêem a condessa de Segur e Busch.

A biblioteca "Castro Alves" possui romances, novelas, poesias, um pouco de história, de geografia etc. Não conta — é preciso não esquecer que é uma biblioteca também para empréstimo — com obras raras nem é especializada. Assim mesmo, num rápido olhar pelas estantes se vê que ela está aparelhada a emprestar bons livros.

Mas muito pouca gente a conhece. Seus frequentadores são, em maioria, estudantes e funcionários. Não há por ela o entusiasmo que merece pela sua organização e finalidade. Era tão bom que todos a conhecessem. Tão

bom que a procurassem, que a tivessem progredir. Mas ainda e sempre o horário! Uma biblioteca desse gênero começa a funcionar às 12,30 e fecha às 17,30 nos dias comuns. Aos sábados de 9,30 às 11,30. Como o operário, o comerciário, o empregado público podem servir-se dela? Os empréstimos são feitos por 15 dias. Mas como esse leitor ou leitora poderá ir retirar seu livro se sua hora de trabalho coincide com o horário da biblioteca? Depois ela é uma só no centro da cidade. Como os escolares e as domésticas podem usá-la? A frequência é diminuta para uma cidade de 2 milhões de habitantes! O brasileiro não gosta de ler? Tolice! O brasileiro não encontra facilidades para ler, não lhe ensinam o hábito da leitura. Os governos descuidam-se de mostrar-lhe até o que possuem já para ajudá-lo. As bibliotecas são coisas para elites. E é isso que deve ser vencido. Que todos leiam. Aqueles que não podem comprar livros nem por isso devem deixar de ler. Outras bibliotecas devem surgir, simples, modestas, mas emprestando livros, divulgando, ensinando, construindo.

É bom não esquecermos que uma frase celebrou-se no nazismo:



Aspecto do conjunto da biblioteca do I.N.L.

"Quando ouço a palavra cultura pego no revólver..." Precisamos ensinar nosso povo a ler. Paralelamente ao combate ao analfabetismo o governo deve cuidar da criação de outras bibliotecas de empréstimo, semelhantes à Castro Alves do I.N.L.

Noticias sobre a jovem pintura portuguesa

JULIO POMAR

Julio Pomar é um jovem pintor português, expulso da Escola de Belas Artes, do Porto quando terminava o seu curso. Está atualmente preso com outros jovens estudantes anti-fascistas

Bem duro tem sido o forjar da consciência da juventude de hoje. Bem cheio de amargos — e esclarecedoras — experiências. A juventude, não em particular a juventude deste ou daquele país, mas a juventude de todo o mundo, conheceu na própria carne a diferença que vai das aventuras irresponsáveis às realizações conscientes, à luta necessária e coerentemente orientada. Conheceu-a — e ela lhe foi dando ensinamentos que iriam permitir traçar dum modo justo a sua linha de conduta.

O tempo que vivemos, as realidades que deparamos não mais dão margem a equívocos. O mundo viveu horas bem terribes para se permitir ainda o luxo de equivocá-lo. Equivocar-se, quer dizer: recusar-se à evidência dos fatos, dar ouvidos ao palrar dos que afinal não passam de agentes comissionados da reação.

Reduzidas a cinzas as camisas negras ou pardas que serviram à sua formidável investida — formidável nas proporções, na crueldade e na derrota — ela ensaiaria de bom grado novo assalto, e para tal tenta reagrupar e reencorajar as suas forças. Tem a consciência dos povos de estar alertada — e isso não é difícil. Não foi sem consequências que o mundo conheceu todo o significado da palavra «fascismo». Não foi inutilmente que a juventude aprendeu a lutar pela paz, e ninguém mais do que ela a quer garantir.

Ao grande conflito que o mundo viveu ninguém podia ter ficado indiferente. Nação alguma lhe pôde ser alheia, mesmo sob uma aparência neutral. Todas inevitavelmente foram tomando partido, definindo-o com ou sem vontade. Sucedeu por vezes que as massas populares o tomaram mais depressa do que os seus governantes — e dum modo muito menos equívoco.

Tomou-o também inequivocamente a juventude, através da sua luta por melhores salários, pelo direito à cultura e a uma vida sã, pelo seu legítimo direito de poder constituir família. Essa juventude compreendeu desde logo que o seu futuro estava na razão direta em que o fascismo fosse combatido, as suas várias aparências desmascaradas, a sua força aniquilada. Tal foi e é a sua tarefa basililar, a chave do caminho para a resolução de todos os seus problemas. E se muitos episódios desta



"Mocidade" óleo de Julio Pomar

MEDICINA E SAUDE

Dra. ELINE MOCHEL MATOS

Em geral, o edema gravídico aparece a partir do sexto mês. Nos primeiros meses é mais raro. Ao contrário do que muita gente pensa, o edema não é obrigatório nas mulheres grávidas. Ele surge em consequência de uma série de desequilíbrios, motivando maior infiltração líquida nos tecidos. Mas há um erro muito grande que as nossas mulheres cometem em relação a esses edemas, principalmente as mulheres que têm pouco esclarecimento sobre esses problemas. E' o c' não se preocuparem muito com a "inchação", sinão quando ela já lhe tomou todo o corpo, rosto e mãos, impossibilitando, até de se locomover e trabalhar. Há casos mesmo monstruosos, "criadoura deformação do estado físico das nossas mulheres já compreenderam a necessidade de cuidar bem da sua gravidez e, nesse caso já se preocupam quando as pernas começam a inchar. As vezes se preocupam até demais e por conta própria fazem dietas e tomam remédios que nem sempre são os indicados.

Como saber, então, distinguir um edema gravídico simples sem perigos mais sérios para a saúde da mulher, de um edema que prenuncia a eclampsia?

Cara leitora, nossa finalidade aqui é ajudar as mulheres a defenderem bem sua saúde tomando certas precauções de caráter prático que não são difíceis de serem feitas. Nossa colaboração portanto, é nesse sentido. Não se trata de lições de medicina, nem alta literatura médica. Trata-se somente de ser útil ao grande número de mulheres que anda por aí sem nenhuma assistência.

Para sermos mais práticos tomemos o caso de Maria Paula. Em conversa, disse-me ela: "Do sétimo para o oitavo mês comecei a inchar. Primeiro os pés; coisa ligeira, sem importância. As minhas amigas me diziam que também incharam um pouquinho. Depois a inchação foi subindo até que um dia amanheci de tal forma que meu marido muito espantado me falou que eu estava um bicho. Fui ao espelho: realmente, eu estava deformada. Os braços, as mãos, o rosto tudo estava inchado. Fiquei alarmada e procurei um médico..."

No caso de Maria Paula tratava-se de um edema sem maiores consequências. Mas nem todos os casos são assim. Por isso o caminho a seguir para tirar as dúvidas é o seguinte:

1.º) Observar se sente tonturas, dor de cabeça, calambros, cansaço, mal estar, moscas volantes.
2.º) Se está urinando bem.
3.º) Se a pressão arterial está normal.

Em relação a função renal é importante um exame de urina para pesquisar os elementos anormais e sedimentos.

Se você não estiver sentindo nada ao que diz o item 1 e seu exame de urina estiver normal como também sua pressão arterial, toda essa incerteza desaparecerá "milagrosamente" com a seguinte receita:

— Repouso absoluto no leito.
— Diminuição acentuada dos líquidos, isto é, não tomar muita água, leite, caldos, refrescos, chás, etc., sinão em pequena quantidade. E' uma dieta seca.

— Não comer alimentos em conservas — carnes de conservas, sardinhas, presunto, mortadela, salchichas, salames, etc. Feijoadas, carnes gordurosas muito fritas, também devem ser evitadas.

— Pode comer carne fresca, peixe, ovos, massas em geral, legumes, porém, sem sal de espécie alguma e sem excesso de temperos. As frutas e os doces são admitidos. Este último em pequena quantidade para não provocar sede.

Nós lhe asseguramos que você ou sua amiga em poucos dias estará bem. Mas, se ao lado da "inchação" houver dor de cabeça, tonturas, calambros, palpitações, pressão arterial alta e o exame de urina revelar albumina em grande escala, então a coisa se complica. Estaremos em face de um estado preparatório para o aparecimento do ataque de eclampsia.

Sobre este assunto teremos oportunidade de conversar mais tarde.

Queremos, para terminar, lembrar as nossas leitoras que não se desdizem com os edemas que possam aparecer durante a gravidez. Se as providências que acabamos de dizer forem tomadas em tempo, seu parto tem grandes probabilidades de ser normal. E estamos certos de que você deseja ter um bom parto.

Uma semana de sacrifício com um regime alimentar assim não é nada para as mulheres que tantos sacrifícios já fazem, suportando a criminoso carência de vida e as filias que nem por sombra ameaçam desaparecer.

ATIVIDADES FEMININAS



O povo fluminense dará a vitória a suas candidatas a vereador

Entusiasmo no Estado do Rio em torno das candidaturas femininas. As mulheres eleitas defenderão na Câmara de Vereadores do Estado vizinhos os reais interesses da população. Creches, hospitais, escolas, transportes e luta contra a carestia, são pontos fundamentais nos programas mínimos das candidatas fluminenses.

No dia 28 do corrente realizar-se-ão nas cidades do Estado do Rio as eleições para Prefeitos e Vereadores.

De todas as chapas participaram nomes femininos, de verdadeiras lutadoras pelas causas populares. São as mulheres que participaram na vida administrativa dos municípios em defesa dos problemas de real importância para o povo. Mulheres que conhecem as necessidades da população fluminense e que se dispõem a lutar ao lado do povo para concretizar os seus anseios.

Lutarão por mais escolas, por amparo à família camponesa, por melhores meios de abastecimento, até agora entregues aos açambarcadores, aos homens do comércio negro. Por isso mesmo receberam o apoio unânime das mulheres de suas localidades, que não lhes negarão o voto consciente no pleito eleitoral de 28 do corrente.

A campanha eleitoral no Estado do Rio vem despertando um entusiasmo muito grande em cada município. É a constatação de que esse dia marcará um avanço a mais no caminho da democracia, e as mulheres que sabem o va-

lor dessas eleições, participando dela para elegerem suas candidatas.

Assim, o movimento feminino cresce, desenvolve-se, na base de uma luta consciente e justa por melhores condições de vida.

POR QUE AS MULHERES DE NITERÓI VOTARÃO EM EDITH CASTEX OLLIVIER

Edith, trás consigo uma vida digna de apreciação. Seu valor é incontestável. Sempre ligada ao povo jamais deixou de se interessar por todos os problemas de interesse coletivo. Professora durante 8 anos, ligou-se em 1935 ao movimento da Aliança Nacional Libertadora, em virtude da qual teve de suportar a reação fascista durante 10 anos. Por ocasião das eleições de 2 de dezembro foi candidata à Constituinte pelo Estado do Espírito Santo e a 19 de janeiro a do Estado do Rio.

Hoje é a candidata prestigiada pelo povo de Niterói, para concorrer às próximas eleições pela chapa do Partido Libertador.

Edith conta com a vitória eleitoral, porque tem o apoio da população fluminense, principalmente das mulheres, que nela encontram uma democrata batalhadora em defesa das causas populares.

AS MULHERES DE NÍLOPOLIS DESCARREGARÃO SUA VOTAÇÃO EM MARIA AMÉLIA RANGEL GUERREIRO

Maria Amélia é uma jovem estimada por toda a população Nilopolitana. Orfã aos 2 anos de idade, conheceu desde cedo a tragédia da

infância desamparada. Filha de ferroviário, fez seu curso primário com todas as dificuldades em Nova Iguaçu, cursando em seguida com brilhantismo a Escola Rivadávia Correia. Professora Municipal por concurso começou a lecionar em Nilópolis, onde militou por vários anos e onde teve oportunidade de ver a miséria da infância brasileira. Desde então entrou nas lutas populares combatendo ardorosamente as campanhas nazi-integralistas, que naquela época procuravam infiltrar-se nas escolas.

Durante a guerra ligou-se aos movimentos patrióticos da Sociedade Amigos da América e da Liga de Defesa Nacional.

Ligando-se à família dos aeroviários, dependeu muitos esforços na campanha sindical pelo aumento de salários e pela sindicalização em massa dos seus colegas de corporação.

Foi uma das fundadoras do Comitê Democrático de Nilópolis e sua voz logo levantou na grande luta das mulheres organizadas contra a carestia e o comércio negro.

Eis porque Maria Amélia merece os sufrágios da população nilopolitana, principalmente das mulheres, que nela vêm uma esperança por uma vida mais humana e a certeza de que na Câmara de Vereadores sua voz se levantará sempre em defesa dos problemas do povo.

O mesmo exemplo de luta democrática, a mesma dedicação ao povo, o mesmo entusiasmo por vitórias decisivas na vida do povo fluminense oferecem as demais candidatas à verança do Estado do Rio, como Maria Corina — de Caxias Daula de

Oliveira, Paula Oest de Petrópolis e Carmem Bastos em S. João de Meriti.

UNIÃO FEMININA DE ANCHIETA

A UNIÃO FEMININA DE ANCHIETA — Comemorou em 18 de setembro o primeiro aniversário da Constituição com o seguinte programa: 1.º — programa de calouros; 2.º — palestra pela dra. Eline Michel; 3.º — números de teatrinho popular.

A União Feminina de Santo Cristo conseguiu banha para vender às suas associadas.

Em poucos dias será anunciada o início dessa venda.

CONFERENCIA NA UNIÃO FEMININA DE MADUREIRA

Dentro do plano de realizações da União Feminina de Madureira, destaca-se a conferência que será feita pelo dr. Campos Vergal, deputado federal, sobre o tema: Trabalho Social da Mulher.

Louvando essa iniciativa da U. F. de Madureira, não só pelo movimento em si, como pela escolha do ilustre conferencista e do tema de alto interesse das mulheres, MOMENTO FEMININO agradece o convite e participará da solenidade, que se realizará no dia 27 do corrente, às 20 horas, à rua Carvalho de Souza, 257-A.

UNIÃO FEMININA DE CORDOVIL

A União Feminina de Cordovil, que luta em benefício dos interesses das donas de casa desse bairro, realizou várias festas de confraternização, esportivas, reuniões de debates sobre os problemas presentes da carestia de vida, no dia 20 do corrente promoveu uma solenidade em homenagem à Constituição Federal.

Num ambiente de verdadeira alegria, as moradoras de Cordovil reunidas na sede da União, à rua Tenente Palestino, 95, ouviram uma palestra da Vereadora Odila Schimiot, que também respondeu as perguntas que lhe eram feitas pela assistência.

Também usou da palavra a dra. Elvira Moreira, presidente da União, que fez uma explanação das necessidades das donas de casa naquele bairro distante, com precariedade de transporte e sem recursos próprios.

VALDO VAZ

CIRURGIÃO-DENTISTA

Andaraí — Rua Uruguai, 159



CONSENTIMENTO PARA CASAR

É interessante observar a inutilidade de certos dispositivos de lei que regem a matéria de família, bem como, constatar a existência de velhas convenções que dominam, ainda, o espírito do nosso legislador.

Tal acontece com o artigo do Código Civil que exige como condição essencial para habilitação ao casamento de um menor o consentimento dos pais, isto é, do pai e da mãe. Assim, ao lado da anuência do pai exige a lei que figure a opinião da mãe, mas, tão somente, a opinião, pois que, se a mulher concorda com o marido tudo se resolve e o filho menor se casa normalmente. No entanto, se a mãe que, na opinião de ilustre jurista, "necessariamente se interessa pela sua felicidade (do filho) e pelo seu futuro e pode orientá-lo com a penetração e a agudeza de suas observações e conselhos ungidos daquela doçura que só as mães podem e sabem inculcar para o bem e a felicidade dos filhos", se essa mesma mãe discordar da opinião do pai, seu marido, achando que o filho pode casar quando este diz que não pode e vice-versa, o caso também se resolve com simplicidade, pois, predominará sempre a vontade do pai. A penetração, a agudeza, a afeição e a sensibilidade de uma mãe são qualidades muito bonitas e úteis quando estão a serviço da vontade do marido, perdendo o valor e a expressão quando divergem desta.

A lei vai mais longe, pois no caso da mãe não ter sido consultada a respeito do casamento de seu filho menor, não poderá se opor a este casamento nem alegar impedimentos, nem pedir anulação do ato que foi celebrado sem a sua consulta. Aliás, de nada valeria o protesto materno, pois mesmo que a mulher propusesse as ações competentes, o marido seria chamado para emitir a opinião predominante ficando as coisas exatamente como estavam antes.

Como se vê, a consulta que se faz à mãe nesse sentido é, na prática, completamente inútil, pois o que prevalece é a vontade do pai ou do juiz, caso o consentimento paterno tenha sido negado sem motivos justos.

O fundamento do dispositivo em apreço se encontra na velha concepção de que "o marido e o chefe da sociedade conjugal" e, como homenagem à função de cabeça do casal que desempenha, lhe é dado o predomínio de opinião.

Mas, a lei, na hipótese, deve tutelar o interesse do menor que pretende casar-se, do menor que é filho de um homem e também de uma mulher que sofreu a tragédia biológica da maternidade, que o criou e que tem uma série de obrigações a cumprir para com esse filho até a morte e que, portanto, salvo desastrosas exceções, está tão ou mais apta que o marido a opinar sobre o casamento que o seu filho menor pretende contrair.

Preterir a opinião de uma mãe depois de consultá-la sobre o casamento de seu filho menor, antes que um magistrado se pronuncie a respeito, sobre ser um ato de irreverência é, sobretudo, um golpe que se dá na tutela e defesa dos interesses do menor em nome de uma convenção vazia de sentido e de realidade.

Ora, mais lógico teria sido o legislador, se apenas exigisse o consentimento do pai, evitando o pronunciamento de uma opinião sem consequências.

Mas, o princípio enunciado de que o marido é o chefe e cabeça do casal, vem, paulatinamente, perdendo a significação e a importância dos tempos anteriores, e hoje, talvez, ele só exista imposto por uma lei que, há muito, deixou de refletir a realidade das coisas, e que, portanto, terá de ser modificada.

Na formação da família como hoje é entendida, não pode haver predominâncias sinão as ditadas pelas capacidades dos cônjuges que a integram, e que levam, como em todos os outros setores de relações humanas, a direção do grupo, aquele que é efetivamente mais capaz e não aquele que a lei quer seja o mais capaz.

Cumpra, pois, abolir essas diferenças de tratamento entre o marido e a mulher, sobretudo quando está em jogo o interesse de um filho e isso será conseguido pela ação das próprias mulheres, numa luta de conquistas que poderá ser custosa mas que, fatalmente, trará a vitória.



Maria Amélia R. Guerreiro



Paula Oest



Maria Corina Guimarães

Maryse Bastié nasceu em Lamoignon. Seu pai morreu quando ela ainda era criança. Quando irrompeu a guerra de 1914 dedicava-se ela a trabalhos de costura; por ocasião do armistício, o curso de sua vida foi completamente modificado em consequência de seu casamento com o piloto Louis Bastié.

Depois de haver dirigido uma loja de calçados em Cognac, seu marido resolveu retomar o seu antigo ofício, tendo sido nomeado, em 1925, monitor da Escola de Aviação de Mérignac, perto de Bordeaux.

A Carreira da Aviadora Maryse Bastié

Por L. LATOUR

Copyright do "Serviço Francês de Informação" Especial para "MOMENTO FEMININO"

Al sentiu-se ela imediatamente em seu elemento e não tardou em tomar lições com o monitor que acabara de organizar uma escola de pilotagem. Breve depois, a 29 de setembro de 1925, a 6 de outubro do mesmo ano realizou sua primeira façanha aérea ao passar sob a ponte de Bordeaux, o que lhe valeu uma glória efêmera.

Conseguiu ela obter do construtor Caudron um avião que esperava pagar com seus próprios recursos. Foi então que Drouhin a convidou para ser sua companheira num concurso em que conseguiram o segundo lugar e um prêmio de 25.000 francos. Continuando a trabalhar com Drouhin, bateu o "record" de distância em linha reta para aviação feminina de dois lugares, fazendo o percurso Paris-Treple (França).

A 26 de julho de 1929 bateu o "record" mundial feminino de permanência no ar, fazendo um vôo que durou 37 horas e 55 minutos. Na época, esse feito constituiu uma façanha notável.

A 28 de junho de 1931, realizando um vôo de 30 horas e 30 minutos, cobrindo um percurso de 3.000 quilômetros, bateu o "record" de distância em linha reta para aviação feminina e o "record" feminino em linha reta que era então detido por Lena Bernstein. Essa proeza lhe valeu a Legião de Honra e o Troféu Internacional de Aviadores.

Realizou a travessia do Atlântico Sul a 30 de dezembro, indo de Dakar a Natal em 11 horas e 50 minutos e batendo assim o "record" de Miss Jean Batten pela diferença de 1 hora e 10 minutos.

Voltando a Paris, é condecorada com a medalha de ouro do Progresso, que até então só havia sido concedida aos grandes precursores tais como Ader, Louis Blériot e Farman. O embaixador do Brasil lhe confere a ordem do "Cruzeiro do Sul", a mais alta distinção brasileira.

De 14 de julho até os fins de agosto de 1937, em companhia de Susanne Tillier, efetuou uma viagem de turismo através da URSS. No decorrer de uma grande viagem pela América do Sul, repetiu a proeza de Adrienne Bolland, atravessando a cordilheira dos Andes.

Durante a guerra, foi te-



nente de aviação. No período da ocupação Maryse Bastié acrescentou a todos os seus títulos já gloriosos, mais alguns de resistência ao invasor.

HOTEL GRANJA ITATIAIA

(RECEM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end.

Passarelas aprazíveis, escalada às Agulhas Negras.

Informações: Rua Washington Luiz, 32-2º Pôco: 23-4295.

tanto, e consola-te da pequena a mágua que me causaste. Já estou curado”.

— “Essas máguas não se curam tão depressa assim — respondeu a pequena Fadette; e depois, pensando melhor: — Ao menos, é o que dizem. E’ o despeito que te faz falar, Landry. Quando tiveres dormido uma noite sobre o caso, o amanhã virá e vais ficar triste até fazeres as pazes com aquela bonita menina”.

— “Pode ser — disse Landry — mas, neste instante, juro-te com tôda fé que não sei nem estou pensando nisso. Imagino que queiras convencer-me que tenho muita amizade por ela, eu, porém, acho que, se algum dia tive êsse sentimento, êle foi tão pequenino, que quase já me saiu da memória”.

— “E’ engraçado — disse a pequena Fadette suspirando — então é assim que os rapazes amam?”

— “Ora essa! As meninas não amam melhor; com muita facilidade vocês se zangam e se consolam bem depressa com o primeiro que aparece. Mas não falemos de coisas que não entendemos ainda, talvez, ao menos tu, minha pequena Fadette, que vives rindo e zombando dos namorados. Deseconfio que mesmo neste momento ainda estejas te divertindo à minha cusa, quando queres consertar meu caso com Madelon. Não o faças, peço-te, porque ela poderia imaginar que fui eu que te encarreguei de falar com ela, e estaria enganada. E talvez ela se zangasse pensando que eu me apresento a ela como um namorado oficial; porque a verdade é que eu nunca lhe disse ainda uma só palavrinha de namôro, e, se eu ficava contente de estar a seu lado e dansar com ela, ela nunca me deu a ousadia de o dizer por palavras. Assim, deixa passar a coisa: ela ficará de bem comigo, se quiser, e, se não quiser, eu não vou morrer por isso”.

— “Sei melhor do que tu o que pensas a êsse respeito, Landry — continuou a pequena Fadette. — Acredito em ti, quando dizes que nunca deste a conhecer teu sentimento, por meio de palavras, a Madelon. Mas seria preciso que ela fosse muito ingênua se não o tivesse visto nos teus olhos, hoje principalmente. Já que fui eu a causa da briga, é preciso que eu seja a causa da reconciliação, e é uma boa oportunidade para fazer Madelon compreender que a amas. E’ a mim que sumpre fazer isso, e hei de fazê-lo com tanta habilidade e tão a propósito, que ela não poderá acusar-te de me teres encarregado de procurá-la. Confia na pequena Fadette, Landry, confia no grilinho feio, que não é tão feio por dentro como por fora, e perdoa-lhe ter judiado

contigo, porque de tudo isso colherás um grande benefício. Mas de reconhecer que, se é doce ter o amor de uma bonita, é útil ter a amizade de uma feia; porque as feias são desinteressadas, e nada lhes causa despeito nem rancor”.

— “Que sejas bonita ou feia, Fadette — disse Landry, tomando-lhe a mão — o fato é que já compreendi que tua amizade é uma coisa muito boa, tão boa que o amor talvez seja uma coisa má, em comparação. Tens muita bondade, e agora o reconheço, pois eu te fiz uma grande afronta à qual não quiseste prestar atenção hoje, e, embora digas que me comportei bem para contigo, eu, ao contrário, acho que agi muito grosseiramente”.

— “Como assim, Landry? Não sei em que...”

— “E” que eu não te beijei uma única vez na dança, Fadette, e, entretanto, êsse era o meu dever e o meu direito, pois é o costume. Fiz contigo como se faz com as meninas de dez anos, a quem a gente não dá a confiança de se abaixar para beijá-las, e, no entanto, és quase de minha idade; não há mais do que um ano de diferença entre nós dois. Logo, eu te fiz uma injúria e se não fosses tão boazinha, tu o terias notado”.

— “Nem sequer me passou pela cabeça — disse a pequena Fadette, levantando-se, porque sentia que estava mentindo e não queria que êle o percebesse. — Ouve só — disse então, esforçando-se por parecer alegre — como os grilos estão cantando nos molhos do trigo cortado: estão me chamando pelo meu nome, e a coruja está lá longe, gritando para mim a hora que as estrelas marcam no relógio do céu”.

— “Eu também estou ouvindo, e devo voltar para a Priche. Mas antes que eu te diga adeus, Fadette, não quererás perdoar-me?”

— “Mas eu não te quero mal, Landry, e não tenho perdão a te dar”.

— “Tens, sim — afirmou Landry, que estava todo agitado por um não sei o que, desde que ela lhe tinha falado em amor e amizade, com uma voz tão doce que até a das cambaxirras que pipilavam dormindo nas ramagens chegava a parecer dura junto dela. — Tens sim, tens que me dar o teu perdão, dizendo-me que eu devo agora beijar-te para compensar não o ter feito durante o dia”.

A pequena Fadette tremeu um pouco; depois, retomando depressa seu bom humor :

- “Queres, Landry, que eu te faça expiar tua culpa por um

castigo. Pois bem! Estás dispensado, meu rapaz! Basta teres feito dansar a feia; seria virtude demasiada querer beijá-la".

— "Qual, não digas isso — exclamou Landry, tomando-lhe a mão e o braço ao mesmo tempo; creio que não pode ser um castigo beijar-te... a menos que a coisa te entristeça e te repugne, vinda de mim..."

E, tendo falado assim, teve um tal desejo de beijar a pequena Fadetle, que tremia de medo de que ela não o consentisse.

— "Escuta, Landry — disse-lhe ela, com sua voz doce e gentil — se eu fosse bonita, eu te diria que não é o lugar, nem a hora, da gente se beijar como que às escondidas. Se eu fosse vaidosa, pensaria, ao contrário, que é a hora e o lugar, porque a noite esconde minha feiura, e que não há ninguém aqui para te envergonhar dêsse teu capricho. Mas, como eu não sou nem vaidosa nem bonita, eis o que te digo: aperta minha mão em sinal de amizade honesta, e eu ficarei contente de ter tua amizade, eu que nunca tive a amizade de ninguém, e que nunca desejarei outra, senão a tua".

— "Sim — disse Landry — aperto-te a mão com todo meu coração, estás ouvindo, Fadetle? Mas a mais honesta das amizades — e é assim minha amizade por ti — não impede que a gente se beije. Se me negares essa prova, ficarei acreditando que tens ainda qualquer coisa contra mim".

E tentou beijá-la de surpresa; mas ela opôs resistência, e, como elle se obstinasse, começou a chorar, dizendo:

— "Deixa-me, Landry, estás me dando um grande desgosto".

Landry deleve-se, muito espantado e triste de ver Fadetle novamente em lágrimas, o que lhe causou certo despeito.

— "Estou vendo que não dizes a verdade quando affirmas que minha amizade é única que desejas. Tens outra mais forte, que te proíbe de me dares um beijo".

— "Não, Landry — assegurou ela, soluçando. — Mas tenho medo de que, por me teres beijado à noite, sem me veres, sintas ódio de mim quando me enxergares à luz do dia".

— "Então eu nunca te vi? — disse Landry impacientado. — E não estou-te vendo, agora? Olha, vem um pouco até este raio de luar; estou-te vendo muito bem, e não sei se és feia, mas gosto de teu rosto, porque gosto de ti, pronto".

E então elle a beijou, primeiro todo trêmulo, e depois repetiu o gesto com tanto gosto, que ela teve medo, e disse, empurrando-o:

— “Basta, Landry, basta! Parece que me beijas com raiva ou que estás pensando em Madelon. Acalma-te, eu falarei com ela amanhã, e amanhã poderás beijá-la com mais alegria do que me podes dar”.

E, tendo dito isso, saiu apressadamente debaixo da pedreira, e pariu no seu passinho ligeiro.

Landry estava como que desvairado, e teve vontade de correr atrás dela. Três vezes o tentou, e três vezes dominou-se, antes de descer para o lado do rio. Enfim, sentindo que estava com o diabo no corpo, começou a correr e só parou na Priche.

No dia seguinte, quando foi ver os bois ao amanhecer, enquanto os atrelava e acariciava, ia pensando naquela conversa comprida, que tinha durado mais de uma hora, e que elle tivera na pedreira do Chaumois com a pequena Fadette, e que lhe parecera ter durado só um minuto. Tinha ainda a cabeça pesada de sono e de cansaço de espirito, motivado por um dia tão diferente do que deveria ter sido. E sentia-se perturbado e como que amedrontado pelo que sentira por aquela menina, que agora lhe voltava diante dos olhos, feia e de máus modos, como sempre a conhecera. Por momentos, imaginava ter sonhado. Só podia ser um sonho o desejo que tivera de beijá-la, e o contentamento que tivera ao apertá-la contra o coração, como se tivesse sentido um grande amor por ela, como se ela lhe tivesse parecido mais bonita e mais amável do que todas as raparigas do mundo.

— “E’ preciso mesmo que ela seja feliz como dizem, embora ela o negue — pensava elle — porque ela sem dúvida me enfeitiçou ontem, e nunca, em toda a minha vida, eu senti por pai, mãe, irmã ou irmão, nem, de certo, pela linda Madelon, e nem sequer pelo meu querido gêmeo Sylvinet, um impulso de afeição semelhante ao que, durante dois ou três minutos, aquella diabinha me causou. Se meu pobre Sylvinet pudesse ver o que eu tinha no coração, aí mesmo é que elle ficaria devorado do ciúme. O fato é que a simpatia que eu tinha por Madelon não prejudicava em nada a meu irmão, enquanto que, seu ficasse um dia inteiro desvairado e ardente como fiquei um momento por causa dessa tal Fadelte, eu acabaria louco e só teria olhos para ela neste mundo”.

E Landry sentia-se como que sufocado de vergonha, de fadiga e de impaciência. Sentava-se na macia e doce dos bois, e tinha medo do que a feliziteira lhe tivesse tirado a coragem, o juizo e a saúde.

Mas, quando o dia augmentou — que os lavradores da Priche se levantaram, elles começaram a caçoar com Landry por sua dança com o giliubo feio, e, nas suas zombarias, davam-na como tão feia, tão mal

A PEQUENA FADETTE

sim como prometera, a promessa que arrancara a Landry, dez meses antes, de ficar às suas ordens para cumprir uma coisa que ela exigiria a seu bel-prazer. E explicava tudo isso tão humildemente e com tanta gentileza que dava gosto ouvi-la. E depois, sem falar do fogo fátuo nem do medo que Landry tivera, contou ainda que ele por pouco não se afogara entrando na água enganado, quando queria atravessar a passagem das Roletas, na véspera de Santo Andoche. Mostrou, em suma, o lado bom do que havia acontecido, e provou que todo o mal viera de sua fantasia, de sua vaidade de que querer dançar com um rapaz feito, ela que nunca dançara senão com os meninos.

Nisso, Madelon, encolerizada, levantou a voz para dizer :

— “E que é que eu tenho com tudo isso? Dança toda tua vida com o gêmeo da Bessonière, e não imagines, grilo, que me prejudiques nem me causes inveja”.

E Fadetle continuou :

— “Não digas palavras tão duras para o pobre Landry, Madelon, porque Landry te deu o coração e se não queres aceitá-lo ele sentirá um desgosto maior do que eu posso exprimir”.

E, no entanto, ela o disse com palavras tão bonitas, com um tom tão carinhoso e fazendo tantos elogios a Landry, que ele gostaria de reter todas essas maneiras de falar, para empregá-las na primeira oportunidade, e corava de satisfação ao se ver gabado daquele modo.

Madelon também se espantou com o lindo palavreado da pequena Fadetle; mas desprezava-a demais para o confessar.

— “Tens um belo topete e uma audácia tremenda — disse-lhe ela — e parece que tua avó te ensinou a enteeitgar os outros; mas não gosto de conversar com feiticieiras; isso dá azar. Pego-te que me deixes em paz, grilo cascudo. Arranjaste um namorado, guarda-o para ti, minha cara, porque é o primeiro e o último que há de se engracar pelo teu feitio feio. Quanto a mim, não aceito teus restos, mesmo que se tratasse do filho do rei. Teu Landry é um tolo, e deve valer bem pouco, já que, pensando que o tiraste de mim, vens me pedir que o aceite de volta. Belo namorado para mim, que nem a pequena Fadetle se importa com ele!”

— “Se é isso o que te magoa — respondeu Fadetle num tom que foi até o fundo do coração de Landry — e se és tão orgulhosa que só podes fazer justiça depois de me teres humilhado, alegra-te, então, bela Madelon, e pisa sob teus pés o orgulho e a coragem do pobre grilo dos campos. Achas que faço pouco em Landry e que, sem isso, não te pe-

educada, tão mal vestida, que o rapaz não sabia onde se meter, tão envergonhada ficou, não só do que tinham visto, como, principalmente, do que evitava cuidadosamente que soubessem.

Entretanto não se zangou, porque a gente da Priehe era toda sua amiga e não punha más intenções nas implicâncias e pilhérias. Teve até mesmo a coragem de dizer que a pequena Fadette não era o que pensavam, que valia mais do que muitas, e que era capaz de prestar grandes serviços. E isso fez com que ainda escarnecessem mais.

— "A avô, não digo que não — disseram eles, — mas a Fadette é uma criança que não sabe nada, e se tiveres um bicho doente, não te aconselho de aplicar os remédios dela, porque não passa de uma garota tagarela que não conhece nenhum segredo para curar. Mas conheço o de dominar os rapazes, ao que parece, já que não a deixaste um instante na festa de Santo-Andoche. Devias tomar cuidado, meu pobre Landry, porque dentro em breve estarão te chamando o grilo da grilinha, e o bobinho da Fadette. O diabo começaria a andar atrás de ti, o linhoso viria puxar os lençóis de nossas camas e encachear as crinas de nossos cavalos. Seríamos obrigados a te mandar benzer".

— "Estou desconfiada — dizia a pequena Solange — que ele ontem calçou uma das meias pelo avesso. Isso atrai as bruxas, e a pequena Fadette com certeza o notou".

Durante o dia, quando estava ocupado com os bois, Landry via passar a pequena Fadette. Ela caminhava depressa e ia em direção a uma clareira, onde Madelon apanhava folhas para os carneiros. Era hora de desatar os bois, que já tinham trabalhado metade do dia, e, ao levá-los para o pasto, Landry olhava para a pequena Fadette que ia tão leve e tão ligeira que nem a via tocar no chão. Sentia-se curioso em saber o que ela dizia a Madelon, e, em vez de se apressar para ir tomar a sopa, que o esperava no sulco ainda quente do ferro da charrua, meteu-se do vagarinho no mato, ao longo da clareira, para ouvir o que estavam tramando juntas as duas raparigas. Não podia vê-las e como Madelon resumia as respostas com uma voz surda, não entendia o que ela estava dizendo; mas a voz da pequena Fadette, além de muito meiga, era clara, e ele não perdia uma só de suas palavras, embora ela não estivesse gritando.

Ela falava com Madelon a seu respeito, dando-lhe a conhecer, as-

diria que o perdoasses. Pois bem! Fica sabendo, se isto te dá prazer, que eu o amo há já muito tempo, que é o único rapaz em quem eu jamais tenha pensado, e talvez o único em quem hei de pensar durante todo o resto de minha vida; mas que tenho bastante juízo e bastante amor-próprio para não imaginar que elle venha um dia a ter amor por mim. Sei quem elle é e sei quem sou eu. Elle é bonito, rico e considerado; eu sou feia, pobre e desprezada. Sei, portanto, muito bem que elle não foi feito para mim, e deves ter visto como elle me desdenhava durante a festa. Assim, deves ficar satisfeita, porque aquelle que a pequena Fadette não ousa sequer olhar, tem para ti co molhos cheios de amor.

Castiga a pequena Fadette zombando dela e retomando-lhe aquelle que ella não ousaria disputar-lhe. E se não o fizeres pela amizade que lhe tens, faze-o para punir minha insolência, e promete-me que o receberás bem e lhe darás um pouco de consolação, quando elle vier te pedir desculpas”.

Em vez de se sentir tocada por tanta humildade e dedicação, Madelon mostrou-se muito dura e enxotou a pequena Fadette, dizendo-lhe sempre que Landry era justamente o que lhe convinha, e que, de sua parte, o achava muito criança e muito tolo. Mas o grande sacrificio de Fadette produziu seus frutos, a despeito das insolências da bella Madelon. O coração das mulheres é assim feito: um rapazinho começa a parecer um homem, assim que ellas o vêem requestado e apreciado por outras mulheres. Madelon, que nunca pensara seriamente em Landry, começou a pensar muito nele assim que Fadette se afastou. Lembrou-se de tudo quanto fôra dito, em tão lindas palavras, sobre o amor de Landry, e, pensando que Fadette estava apaixonada por elle a ponto de ousar confessá-lo, vangloriou-se de poder vingar-se daquela pobre menina.

A noite foi até a Priche, que ficava perto de sua casa, e, sob o pretexto de procurar um de seus carneiros, que se misturara nos campos com o rebanho do tio, mostrou-se a Landry e, com o olhar, encorajou-o a aproximar-se para lhe falar.

Landry percebeu-o muito bem, porque, desde que a pequena Fadette se metera no caso, sentia-se muito mais esperto e via as coisas muito melhor. “Fadette é feiticeira; — pensou elle — devolveu-me as boas graças de Madelon e fez mais por mim, numa conversa de um quarto de hora, do que eu teria podido fazer num ano. Ella tem um espirito maravilhoso e um coração como Nosso Senhor não fez muitos”.

E, pensando assim, olhava para Madelon, mas tão tranquilamente, que ella se retirou sem que elle se resolvesse a falar com ella. Não se

sentia, no entanto, envergonhado, sua timidez desaparecera sem que ele soubesse dizer de que maneira; mas, com a timidez, também se foram o prazer que antigamente sentia em vê-la e o desejo que tivera de se ver amado por ela.

Mal acabou de jantar, fingiu que ia dormir. Mas saiu da cama disfarçadamente, cosendo-se à parede, e foi em direção à passagem das Roletas. O fogo fátuo ainda lá estava, aquela noite, no seu bailado. Assim que o viu saltitar, de longe, Landry pensou: — “Tanto melhor; eis o fogo-fátuo, Fadette não deve estar longe”. E atravessou a passagem da água, sem medo e sem engano, e foi até à casa da mãe Fadet, rebuscando e olhando em todos os cantos. Mas ficou por ali um bom momento, sem ver luz e sem ouvir qualquer rumor. Todo mundo estava deitado. Esperava que o grilo, acostumado a sair depois que a avó e o saltão pegavam no sono, estivesse vagando pelos arredores. Começou a errar, atravessou a Junqueira, foi à pedreira do Chaumois, assoviando e cantando para chamar atenção; mas só encontrou a toupeira que fugia por entre o feno e a coruja que piava na árvore... Viu-se forçado a voltar, sem ter podido agradecer à boa amiga que tão bem o servira.

XVII

A semana inteira passou sem que Landry pudesse encontrar Fadette coisa que o espantava e preocupava.

“Ela vai pensar novamente que eu sou ingrato, e, no entanto, se não a vejo não é por falta de esperar e de procurar por ela. Na certa eu a aborreci quando a beijei à força na pedreira, e, no entanto, não o fiz com má intenção nem com a idéia de ofendê-la”.

E sonhou durante toda aquela semana mais do que tinha sonhado durante a vida inteira; não conseguia ver claramente o que havia em seu próprio cérebro, mas estava pensativo e agitado, e só com muito esforço conseguia trabalhar, porque nem os grandes bois, nem a charrua reluzente, nem a bela terar vermelha, úmida da fina chuva de outono, bastavam agora para suas contemplações e para seus devaneios.

Foi visitar o irmão gêmeo na quinta-feira à noite, e o encontrou tão preocupado quanto ele próprio. Sylvinet era um temperamento diferente do seu, mas às vezes reagia da mesma maneira. Parecia adivinhar que qualquer coisa tinha perturbado a tranquilidade do irmão, e, entretanto, estava longe de desconfiar do que fosse. Perguntou-lhe se fizera as pazes com Madelon, e, pela primeira vez, respondendo-lhe que

COZINHA

NHOQUE

Ponha numa vasilha de louça 10 colheres de massa de batatas, três de farinha de trigo, uma de manteiga, três ovos e sal. Misture tudo até formar a massa bem ligada. Coloque a massa numa tábua de cozinha com farinha de trigo, corte em pequenos pedaços formando uma bola oval pequena e vá jogando, uma de cada vez, numa vasilha com água e sal em fervura. Utilizando uma escumadeira, tire os pedaços cozidos que sobem à tona quando estão prontos. Arrume, então, as bolinhas num prato de travessa polvilhado com queijo parmesão ralado e sobre o queijo espalhe um bom molho de carne. As camadas podem ser repetidas até completar o prato.

CARNE SÉCA FRITA

Deixe um pedaço de carne seca de molho na véspera. No dia seguinte afervente a carne e pique em pedacinhos. Ponha no fogo uma frigideira com gordura e quando estiver bem quente despeje a carne, rodas de cebolas, cheiro picadinho, tomate e deixe refogar bem. Na hora de servir ponha uma colher de vinagre com molho inglês. É um prato saboroso para ser servido com farofa.

FAROFÁ

Ponha uma colher de sopa de manteiga e outra de banha em uma frigideira que vai ao fogo. Quando a manteiga estiver dourada ponha a farinha até que fique torrada. Tempere a farofa com sal, cebolinha picada e quebre um ovo quando estiver ainda no fogo.

PUDIM DE CLARAS

Bata seis claras com quatro colheres de açúcar (colher de arroz) até ficar bem consistente. Ponha em uma forma untada com calda de açúcar queimado e leve ao fogo em banho Maria.

É um delicioso pudim que geralmente se faz para aproveitar as claras.

Jararaca



comandará o SHOW da FESTA de SEPETIBA

ASSINE A

Tribuna POPULAR

SR. GERENTE DA TRIBUNA POPULAR
Avenida Presidente Antonio Carlos, 207 - 13.º - Rio de Janeiro
Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro à "TRIBUNA POPULAR"), na importância de Cr\$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou 6 meses) da "TRIBUNA POPULAR".

Nome Endereço

Município Estado



TEATRO

LIVRO E GRAVURA

No Ministério da Educação está aberta ao público, realizando um interessante programa de conferências, uma Exposição Internacional do livro e da Gravura do Teatro, organizada pela Associação Brasileiro de Críticos Teatrais. É uma bela mostra apesar dos claros que não puderam ser preenchidos por dificuldades que não removidas em tempo. Lá estivemos apreciando um fabuloso documentário gráfico, velhas edições raras e valiosas, fotografias enfim, uma belíssima contribuição para a história de nosso Teatro.

A participação brasileira destaca-se em seu conteúdo numeroso. Contribuíram para o seu êxito: a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da Escola de Teatro e cinema da Prefeitura e um número apreciável de colecionadores particulares.

Devemos salientar o concurso da arte plástica na realização teatral visitando esta grande exposição. Belos cenários e expressivos cartazes, sempre, em todos os tempos tiveram verdadeira predominância na vida dos espetáculos e na ligação entre a representação e o público.

A primeira Exposição Internacional de Teatro realizada em nossa Capital que todas nós podemos e devemos visitar, deve para a sua realização o concurso de Brício de Abreu, como comissário geral da ABCT, Santa Rosa como Diretor artístico e vários nomes de destaque nas representações das Nações que compareceram ao certame.

Merece um destaque especial a corporação francesa, das mais ricas e mais proveitosas para os estudiosos de teatro no Brasil.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES E PESQUISAS CLÍNICAS

RUA SANTA LUZIA, 305 - 10.º and. - salas 1013/1014
Exames de urina, Pús, Feces, Escarro, Líquor - Diagnóstico de gravidez - Vaginas - Diagnóstico sorológico da sífilis, cutirreções - Tubagem Duodenal - Lavados traqueo-brônquios.
Dr. EVALDO DE OLIVEIRA
Acadm. EVANDRO DE OLIVEIRA - GUSWEN REGIS BRAZ
Tec. OCTACILIO F. DE MELLO
Das 8 às 11 e das 14 às 18 horas.

CINEMA

A FELICIDADE NÃO SE COMPRE. — Uma das características principais dos filmes de Frank Capra, é a de ressaltar o valor do banal. Suas histórias tem de sempre ser baseadas no homem de todo dia, homem sem mistérios, sem complicações psicológicas ou torções mentais. Um homem que vive honestamente, outro que é desonesto e rico, querendo comprar tudo, inclusive as consciências. Tipos todos conhecidos nossos, aqueles que a gente aperta a mão na rua e sente o mesmo asco que sentiu o herói de "A Felicidade não se compra".

Outra de suas características é a irreverência. Desce anjos absolutamente não-anjos, e nesse filme há uma conversa num pedaço de abóbada celeste de grande finura e sobretudo de boa e gostosa irreverência. Vão ver esse filme. Não há nele nada que não seja comum e sem grandezas. Um homem honesto, luta a vida toda para continuar a ser honesto e acaba se vendo às voltas com uma chantagem do rico, com um descuido do tio velho. Mas numa parte qualquer é preciso que Clarence, um pobre alfaiate que está há 365 anos esperando o direito de ser anjo da guarda e portanto ter asas, desce para ajudar o honesto. Não há, como já disse, nenhuma intenção religiosa no filme, antes há uma graça irresistível no pobre Clarence vestido de camisola e meio ridículo nas coisas. De repente o herói resolve dizer que preferia não ter nascido. Clarence aproveita e faz o "milagre". Há uma trapalhada doida não só na cabeça do pobre herói como na do espectador que entrar no meio da sessão. Bobagem, tudo acaba muito bem. E Clarence ganha as asas principalmente porque ensina que quando a gente tem amigos deve confiar muito neles. Vale a pena ver esse filme. James Stewart está inteiramente à vontade no papel. Donna Reed bem e muito bonita. O nosso conhecido Lionel Barrymore faz um velho egoísta, mau, rico e prepotente. E como faz bem o velho Lionel. Como crenha propriamente dito, o filme também é bom, como todos os filmes de Capra.

LUZ DOS MEUS OLHOS — Filme nacional com pequenas melhoras no raquitismo de nosso cinema. Não se liberta ainda do show, nem do melodrama.

O diretor insiste na fala declamatoria dos seus atores. Celso Guimarães que tem qualidades positivas para o "ecran" é prejudicado pelos diálogos. Não convence a ninguém seu orgulho de cego ou o amor que sente inspirar. Aqueles gritos de: — Suzana! — Roberto! — são de matar. Mas há nesse filme um trabalho notável de Grande Otelo. Só ele é natural, simples, num tão-a-vontade que chega a salvar o resto. Os ambientes são bons. Há duas boas fotografias: a das lavadeiras e a dos garotinhos do morro. Entre os filmes nacionais sempre ruins esse é passável. Vale a pena se ver o Grande Otelo imitando a Beatriz Costa... O homenzinho está notável. As figuras femininas do filme são muito ruins, excetuando Luiza Barreto Leite numa pontinha de mãe moderna. Apenas Luiza força um pouco sua voz que é ótima. As dentais principalmente Heloisa Helena são ruins mesmo.

Mas neste filme já há enredo, a apresentação não é ruim, a música "Luz dos meus olhos" é bonita e Silvano Caldas — vocês são fans dele? — a interpreta bem. vocês puderem vão ver "Luz dos meus olhos"; vão ver sobretudo o Grande Otelo.

Palavras Cruzadas

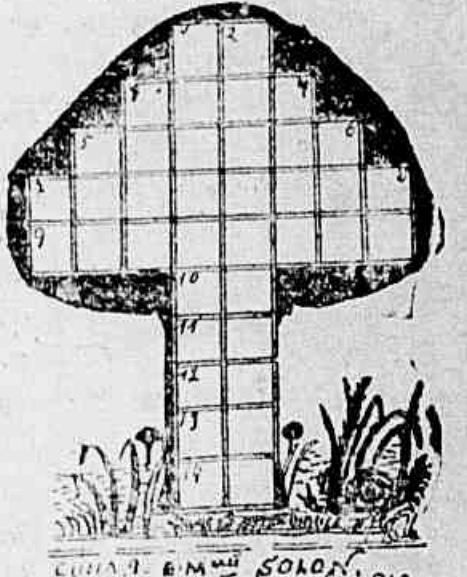
CHAVES HORIZONTAIS

1 Clima. 3 Assim seja.
5 Momentos. 7 Calafetar.
9 Clara. 10 Comuna da Itália.
11 Paralisia.
12 Brota. 13 Disposição latina. 14 Deserto.

CHAVES VERTICAIS

1 Sublevadas.

2 Gratificado. 3 Ajustem.
4 Escárnio. 5 Silencioso.
6 Suas. 7 Coisa diversa.
8 Variedade de melão.



SOLUÇÃO DO ENIGMA ANTERIOR

HORIZONTAIS — 1 — Si; 3 — Miri; 5 — baruína; 7 — desastre; 9 — orto; 10 — eir; 11 — rir; 12 — anda; 13 — aetita; 15 — salvos; 16 — riao; 17 — mo.
VERTICAIS — 1 — Simão; 2 — iris; 3 — mastrear; 4 — intentos; 5 — lousas; 6 — ariad; 7 — dor; 8 — era; 12 — alvas; 14 — Film.

MOENTO feminino

EXPEDIENTE

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55

Sala 14 — Cx. Postal, 2013

Rio de Janeiro

Número Avulso Cr\$ 1,00

Atrasado Cr\$ 2,00

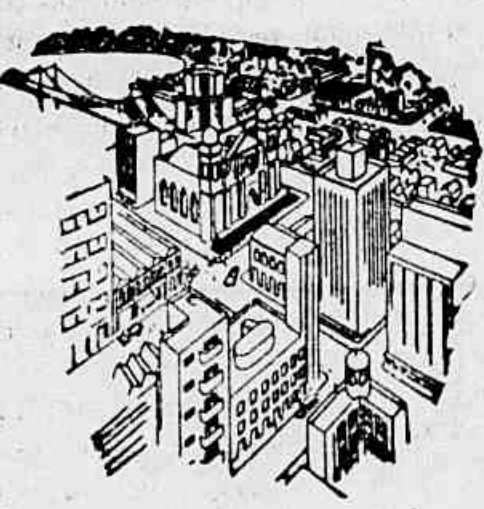
DRA. ADALZIRA BITTENCOURT

ADVOGADA

RUA 13 DE MAIO, 23 — 13.º ANDAR

Salas 1804/6 — Fone: 32-6648

50 anos de proteção à Família Brasileira



— Uma cidade de 14.000 casas poderia ser construída com os seguros já pagos pela SUL AMERICA em seus 50 anos de existência

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Calça Postal 971 - Rio de Janeiro



CRISE

MOMENTO
feminino



As filas aumentam com a fome

LEITE O POVO NÃO BEBE LEITE PURO

MISTURA DE 40.000 LITROS D'ÁGUA NO LEITE CONSUMIDO NESTA CAPITAL

O leite que consumimos vem de Minas, através da Central do Brasil e da Leopoldina. Aqui chegou é logo conduzido para a "Cooperativa Central dos Produtores de Leite Ltda", que de cooperativa só tem o nome bombástico pois no fundo é um bom negócio comercial monopolizador do mercado, um "cartel" de açambarcadores.

Depois que o leite chega é examinado por técnicos da Saúde Pública e grande quantidade do produto é condenado ao consumo. Depois de examinado o produto volta ao controle da cooperativa, que entrega uma parte às leiterias, hospitais e escolas e a outra parte vai para o consumidor.

Aí começa a trama ver-

gonhosa: adiciona-se 40.000 litros d'água para maior renda. Isto é além de abuso, um crime contra a população. E ainda justificam os poderes competentes que o número de fiscais é insuficiente para evitar essa prática, que apenas rende aos aproveitadores o lucro de cem mil cruzeiros por dia, sendo o litro de leite a Cr\$ 2,50.

Nesse negócio de leite as companhias rivais viviam a brigar, porque todas queriam o monopólio do comércio. A C.E.L., foi afinal extinta e todo o seu patrimônio foi entregue à Cooperativa Geral. Mas tudo ficou do mesmo jeito. Os nomes foram trocados, os dirigentes do negócio também. A história do leite é que continua, sem solução justa, sem

garantia na alimentação do povo. O que sempre se viu foi a subida desenfreada do preço, que em 1945 era de Cr\$ 1,30 o litro e agora está a Cr\$ 2,50.

Nossas crianças e pessoas doentes em casa, não têm direito a leite puro.

E os filhos dos trabalhadores, como podem beber leite a preço tão alto, se os salários estabilizaram? Resultado é que, se em 1938 o consumo de leite diário era de 225 gramas por pessoa, em 1946 esse consumo foi apenas de 110 gramas.

A verdade hoje é que, com uma população de 2 milhões de habitantes, somos, no confronto com o mundo civilizado, a capital que menos consome leite, proporcionalmente à sua população.

O governo precisa de ver esse problema com muita seriedade e tomar medidas mais justas.

Não é mais possível sacrificar o povo em benefício de um grupinho de açambarcadores, desonestos, que vivem do sacrifício de toda uma população faminta e doente.



A carne não vai para os açougues



Leite com água enquanto o pão diminui

CARNE PRODUTO BÁSICO NA ALIMENTAÇÃO

Manobras e sensações.

Nenhuma medida prática

O problema da carne tem sido motivo ultimamente de grandes manchetes. Surgem os comentários, as opiniões, mas providências, nenhuma.

Produto fundamental na alimentação do povo, de alto valor nutritivo, ainda não mereceu real estudo dos poderes competentes, de maneira a chegarem a uma solução de real interesse coletivo.

A Comissão Central de Preços está dentro de um verdadeiro emaranhado com o caso da carne, porque lhe é difícil libertar-se dos tristes, que agem às claras no Brasil.

O assunto vai daqui pra acolá e não tem saída. Todos querem comentar e no meio de tudo isso, o prejudicado é o povo, que vai passando fome.

Sabemos que os frigoríficos estrangeiros aqui, como o Armour, Anglo, Wilson e Swift, que têm suas próprias invernadas, exportam a carne brasileira para o estrangeiro, porque isso lhes rende muito mais. Além do mais agem no mercado produtor, comprando tudo, elevam o índice de exportação e o preço só tem de

subir. E assim, a carne roubada ao nosso consumidor é remetida aos portos estrangeiros sob a forma de derivados.

Surgiram as reportagens sensacionais, as pesquisas em torno do assunto e até agora, conquanto o preço tenha sido conservado, o fundamental não foi abalado e a ameaça contra a bolsa do povo subsiste.

É preciso lembrar, entretanto, que a Constituição dá poder ao Estado de intervir, anulando o monopólio ou as manobras que prejudiquem o consumidor e as medidas que se impõem no presente momento devem ser postas em prática imediatamente, a fim de que o assunto não renda mais aos frigoríficos industrializadores do que ao consumidor, já tão sacrificado.

Assim, a Prefeitura pode comprar gado e transportá-lo por conta do criador em carros adequados, para gado em pé, da própria Prefeitura. Esse gado vistoriado pelo Serviço de Veterinária pode ser abatido no matadouro de Santa Cruz e

a carne levada aos açougues, em caminhões da municipalidade, a fim de ser consumida.

Estas medidas simples e compatíveis com as necessidades da população constituem uma saída justa para o já célebre problema da carne. Isso sim, é que é justo não como o fez nosso governo, concessões a os magnatas, porque foram tirados 10 por cento dos lucros dos açougueiros, para os dar aos frigoríficos e financiamento ao criador. É bem dizer-se que a produção, a engorda e o abate do gado não vive nas mãos de nossa gente pois o nosso criador vive permanentemente amarrado, preso, aos proprietários de invernadas, que, são a Anglo, Swift, etc.

As donas de casa, interessadas nesse agitado caso, devem exigir do governo uma posição decidida e compatível com as necessidades do nosso povo para que não sejam tragados pelo "triste da fome". Do contrário, a carne de Cr\$ 6,00 passará para Cr\$ 7,00 e os ossos limpos farão o permanente contra-peso nos quilos dos açougues.